

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

O ESPELHO DE NARCISO: UMA VISÃO HISTÓRICA  
DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM CAMPINA GRAN  
DE ( 1935 - 1945 )

CASSANDRA CARMO DE LIMA VÉRAS

ORIENTADOR: DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JÚNIOR

CAMPINA GRANDE - PB  
1988

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA

O ESPELHO DE NARCISO: UMA VISÃO HISTÓRICA DAS  
TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM CAMPINA GRANDE -  
( 1935 - 1945 )

Monografia apresentada à Banca Examinadora  
composta pelos professores Durval Muniz de  
A. Júnior, Eliete Gurjão e Josefa Gomes ,  
conforme exigência de conclusão de Curso de  
Bacharelado em História da Universidade Fe  
deral da Paraíba - Campus II.

CAMPINA GRANDE - PB

1 9 8 8



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

O ESPELHO DE NARCISO: UMA VISÃO HISTÓRICA  
DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS EM CAMPINA GRANDE  
DE - ( 1935 - 1945 )

À  
Mãe, à vó, e a Elza. Por tudo.

Aos  
Amigos inesquecíveis do 85.1.

"... É que Narciso acha feio o  
que não é espelho ..."

(CAETANO VELOSO, *Sampa*)

### *Agradecimentos*

- *A todos os professores e professoras do Curso de História. Todos.*
- *Agradecimentos especiais a Dna. Passinha, pelo carinho e pelo entusiasmo que despertou ainda mais em mim, o interesse pela história e pelo passado.*
- *Agradecimento especiais a Durval Muniz, meu amigo e orientador, que além de tudo soube me compreender.*

## S U M Á R I O

	Págs.
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
A CIDADE ENQUADRADA: APARIÇÕES DA URBS MODERNA.	5
CAPÍTULO II	
NA INTIMIDADE DOS BECOS.....	24
CAPÍTULO III	
QUEM TEM MEDO DO PORGRESSO: FALAS DE ELOGIO E RESISTÊNCIA.....	37
CONCLUSÃO.....	51
BIBLIOGRAFIA.....	53
A N E X O S	

## INTRODUÇÃO

"(...) A linguagem é uma estrutura infinita, e creio que é este sentimento do infinito da linguagem que está presente em todos os ritos de inauguração da palavra. (...) Zona perigosa do discurso: o princípio da narrativa é um ato difícil; é a saída do silêncio".

Roland Barthes (1)

Escolhi essas palavras de Roland Barthes para inicializar esta monografia, pois me identifico completamente com elas: o esforço e a dificuldade (por que não dizer, o medo?) que senti para inaugurar esse discurso fazem parte da trama psicológica que se baseia exatamente na incerteza em se romper ou não a barreira do silêncio, o quase-terror de não conseguir atingir a lógica e a coerência que são exigidas pelas regras acadêmicas.

A camisa-de-força que o cientificismo impõe à linguagem foi sendo rompida aos poucos e espero sinceramente ter escapado à esterilidade dos chavões e dos conceitos ôcos.

Também no campo da pesquisa senti inúmeras dificuldades: a exiguidade do tempo e a inexperiência foram obstáculos que não tenho a certeza de ter superado. A escassez de material referente à época escolhida foi

---

(1) apud. TELES, Gilberto Mendonça. *A Retórica do Silêncio: teoria e prática do texto literário*. São Paulo / Cultrix; Brasília/ INL, 1979. p. 06.

fonte de dissabores e frustração, como é o caso das plantas da cidade desaparecidas e a impossibilidade de vasculhar o arquivo morto da Prefeitura, devido às condições precárias de organização e ao abandono em que se encontra. Fora isso, consegui alguns documentos referentes principalmente ao primeiro período da gestão do Prefeito Vergniaud Wanderley (relatório, cadastro, leis, decretos, projetos, portarias), entrevistei Esmeraldina Agra (Dna. Passinha), li e reli autores da época e autores contemporâneos.

X A escolha do tema se justifica pelo fato de acreditar que esta monografia contribuirá para a elucidação do processo de transformação urbana ocorrido na cidade de Campina Grande entre os anos de 1935 a 1945, e também por esperar que uma melhor compreensão de como se deu esse processo seja uma forma de desmistificar o discurso desenvolvimentista sempre preocupado - em não lembrar que as estratégias de controle das classes dominantes utilizadas para manter a ordem e promover o progresso geram simultaneamente a "opressão espacial".

O período escolhido se encaixa justamente na gestão do prefeito Vergniaud Wanderley, um administrador que pelos seus feitos (e desfeitos) ficou lembrado na história da cidade como o ditador-realizador do milagre arquitetônico que substituiu a imagem provinciana da cidade pela imagem de urbs moderna, de cidade progressista digna de ser o habitat da classe burguesa.

O primeiro capítulo trata das desapropriações, das destruições e construções e a preocupação principal é mostrar que essas reformas arquitetônicas de grande vulto tem como objetivo principal a consolidação de uma nova ordem, a solidificação da classe dos grandes comerciantes, altamente compatível com o capitalismo em fase de expansão no país de um modo geral. A derrocada da antiga classe das oligarquias agrárias, ou melhor o aceleramento de sua decadência também é pressuposto básico das transformações urbanas ocorridas então. Como foi dito no primeiro capítulo, literalmente o status da antiga classe dirigente caiu por terra, juntamente com suas casas, sua cultura e seu poderio econômico.

No segundo capítulo o objetivo é analisar as estratégias através das quais o prefeito Vergniaud Wanderley como chefe do executivo municipal e legítimo representante da classe de ricos comerciantes em plena ascensão, viou a intimidade dos becos, tentou destruir as relações antigamente mais pessoais e afetivas dos habitantes para com o espaço urbano. Tentamos ainda trazer alguma luz às questões relativas ao planejamento urbano e suas táticas de desinfecção, assepsia e higienização desse espaço, mostrando como o conjunto

de saberes que diz respeito ao planejamento está vinculado às necessidades de controle e domínio do território urbano por parte das classes dominantes.

O terceiro capítulo, onde a documentação foi mais fraca e muito mais se deveria pesquisar, trata da resistência das classes dominadas, das estratégias de sobrevivência dessas classes que a todo custo tentam manter sua cultura e tradições. Por falta de documentação praticamente nos restringimos à análise do discurso das classes dominantes, tanto aquele favorável ao progresso, à modernização e às transformações urbanas, como aquele que se opõe às reviravoltas e incômodos que a política progressista traz.

O título da monografia, como norteador de todas as idéias nela contidas, tem realmente a ver com o mito de Narciso que apaixonado pela própria imagem faz de todos os outros seres espelhos onde ela deve ser a qualquer custo reproduzida. Nos afastamos contudo do mito clássico, pois este Narciso de que falamos nunca chega ao suicídio, nem mesmo o simbólico. O Narciso aqui representado pela burguesia quer ver refletida na cidade a sua imagem, quer a limpeza, a segurança, a ordem, a modernidade que se estampa em suas roupas e em sua cara reproduzidas no espaço urbano. A cidade é moldada então à sua imagem e semelhança.)

*"(...) Aqui entra em cena um novo tipo de narcisismo, regulado não por instâncias individuais, mas pela lei capitalista do valor - um "narcisismo social", ao qual poderemos chamar de **tecnonarcisismo**. Ao ideal comum de uma nação (o nacional narcisismo dos nazistas e facistas), de uma classe (a burguesia em seu momento histórico de triunfo), pode-se aduzir o ideal de integração numa estrutura social organizada por dispositivos sociais tecnoburocráticos. (...) Todo narcisismo é fascinante. O tecnonarcisismo é um poder, nova forma de controle social que funciona por efeito de fascinação, de convencimento e de persuasão". (2)*

---

(2) SODRÉ, Muniz. *Televisão e Psicanálise*. São Paulo, Ática, 1987, p. 60.

*"... Da força da grana que ergue  
e destrói coisas belas..."*

*(CAETANO VELOSO, Sampa)*

## CAPÍTULO I

### A CIDADE ENQUADRADA: APARIÇÕES DA URBS MODERNA

Automóveis se sucedem ligeiros nas ruas, as pessoas dentro e entre e les igualmente têm pressa, o movimento da cidade teima mesmo na noite e incessantemente há barulho e poluição circulando: mercadorias, vozes, símbolos: a cidade é um amálgama de cheiros, cores e imagens. Longos edifícios se esticam em direção ao céu, as pessoas se acumulam no espaço urbano com seus móveis e sonhos, se instalam no futuro arroteadas de computadores e miséria. São as últimas décadas de um século atribulado que viu surgirem a televisão e as favelas; a bomba atômica, os veículos espaciais e a informática industrial. A aldeia ficou para trás a centenas de anos no passado: o que ainda hoje são pequenas províncias já têm em que se espelhar para ver o futuro, mesmo as menores cidades devem se esforçar para conseguir reproduzir o modelo de modernidade representado pelas metrópoles: neon, asfalto, viadutos, monumentos ao século do aço e do concreto. As avenidas precisam de largura para que o gigantesco fluxo do progresso possa se deslocar à vontade, todos os locais precisam de luz abundante, luz fria e imparcial que jorre das vitrines e exponha claramente o que deve ser comprado de modo a não deixar dúvidas ao consumidor.

Porém, nem sempre foi assim. As aparições da URBS moderna antes se davam de outra forma, como atestam as fotografias onde a cidade era enquadrada sob um ângulo diferente, horizontal, onde a imagem aérea revelaria pouco relevo: ruas de casas baixas e poucos automóveis; a noite tinha muito mais escuro, a cidade até dormia meio em silêncio.

Mas o que é essa "cidade", esses milhões de pequenos, médios e grandes pontos cimentados na paisagem? O que ela significa para seus habitantes? O que foi transformado para que as imagens que se tem dela no passado nos mostrem cidadãos-fantasma, ruas-fantasma, casas-fantasma? Ou será que foram reais aquelas pessoas de chapéu, aquelas árvores podadas na cidade e aqueles casarões imensos e baixos de dez janelas? <sup>(1)</sup>

---

(1) Ver fotografias em anexo, gentilmente cedidas por Esmeraldina Agra (Dna. Passinha).

O fascínio que a cidade exerce sobre o homem é tema de livros, filmes e música; os discursos artístico, científico, cultural, todos são válidos na tentativa de expressá-la, decifrá-la. Alguns chegam a concebê-la sob a forma de enigmática esfinge, e a acreditar que "ou a desvendam ou serão por ela devorados". As falas da sociedade capitalista nascida nas bocas da burguesia industrial-financeira, no sentido de ideologizar a cidade e desenvolver a "mentalidade" urbana, inclui o discurso arquitetônico, momento em que o orgulho nacional explode em colossos e cria, no caso do Brasil sob o binômio ordem & progresso, cidades monumento tipo Brasília (símbolo do poder concretado), Rio de Janeiro (cidade maravilhosa) e São Paulo (capital do trabalho). O que importa depois de criados certos modelos é tentar seguir em busca dessa ostensividade rasgando avenidas de oito pistas - que atravessam de um lado a outro a cidade transformada num hiper-super mercado -, construindo gigantescos edifícios espelhados cuja impenetrabilidade inclui a luz do sol.

O fetiche da cidade - que não deixará tão cedo de ser uma mercadoria cada vez maior onde se concentram mercadorias -, esse termo quase psicanalítico atinge seus habitantes das mais variadas maneiras: assim como há aqueles que não conseguem viver longe da efervescência urbana, há aqueles que rejeitam o movimento e o bubúrio contínuo da cidade; a maioria tenta manter com ela uma relação de normalidade seja aceitando a opressão espacial mediante um comportamento cuja maleabilidade permite a resistência à opressão, seja permitindo que a alienação atue como válvula de escape de forma que a opressão possa ser momentaneamente ignorada.

O misticismo que envolve as grandes metrópoles igualmente atinge as pequenas cidades como se estas também fossem "sagradas" por conterem o germe do progresso, do crescimento. Outra fresta por onde penetra a ideologia do urbano é o discurso geográfico, as falas usuais que situam o espaço físico da cidade. Aí se explicita mais uma vez a importância da cidade e o fascínio que ela exerce sobre os homens. Estes atribuem ao local onde levam suas vidas um sentido - que se identifica ao próprio existir. Será à toa, por exemplo, a analogia existente entre as palavras artéria, coração e circulação - dentro da biologia -, e as artérias públicas e o coração da cidade, na linguagem urbana? É a própria essência da sociedade que percorre artérias e vielas, é o produto final (mas sempre inacabado) da sociedade - os homens e suas riquezas - que escorre diariamente, ininterruptamente, pelas veias da cidade. E isso ela seria um corpo morto. As instituições, os órgãos públicos (numa continuação da analogia fantasmagórica) e as estruturas materiais que as abrigam, se assemelham aos órgãos do corpo humano processando, julgando o aproveitável e o excretável, analisando homens e coisas: a pele seria - no imaginário assombrado de um cidadão -, o poder, as relações de poder, o tecido delicado, resistente, e às vezes diáfano

no que adere ao movimento da sociedade urbana.

Todas as ruas, todas as artérias são importantes. Mas há aquelas que se destacam historicamente no tempo e no espaço, seja pela largura e extensão, seja pelo valor social do que nelas ocorre. O "coração" da cidade, o seu centro, é para onde confluem, no horário comercial, as pessoas e os negócios, é onde se compra e se escolhe, um local de trânsito intenso e de troca onde diariamente se renovam os contatos sociais. A crescente especialização do espaço urbano separa cada vez mais as funções do centro, bairros e periferias, e esses círculos concêntricos parecem se dilatar. Assim a cidade incha e cresce: às vezes num movimento horizontal, se espalhando, às vezes verticalmente como se a pressão se desse no sentido inverso e o centro fosse espremido para cima. Na verdade esses movimentos são geralmente simultâneos, um não exclui o outro, e entre ritmos os mais variados a cidade parece pulsar. Em alguns momentos o corpo da cidade é como que tomado pela taquicardia e a aceleração do seu movimento envolve-a numa febre de construção e destruição da qual ela emerge nunca a mesma.

Mas deixemos um pouco de lado a fantasmagoria e a metáfora anatômica para tentar ver mais de perto a operação plástica que sofreu a cidade de Campina Grande no recorte do tempo que escolhemos para analisar: do meio da década de 30 ao meio da década de 40.

↳ A partir da segunda década do século XX pode-se observar em Campina Grande um acúmulo crescente dos sintomas característicos do processo de transformação urbana: iluminação pública, tráfego regular de veículos, aumento do número de prédios (ver tabela 1), crescimento populacional, abastecimento d'água. Cinemas, colégios, "sociedades dançantes", fábricas, praças, monumentos, denunciavam o desenvolvimento e contribuíam, em conjunto, para a criação da imagem de URBS moderna altamente necessária a uma cidade do interior da Paraíba que competia no mercado mundial, no momento nele salientando-se como a "terceira praça algodoeira". No entanto, é principalmente a partir da metade da década de 30 que Campina Grande vai deixar para trás definitivamente parte de sua imagem provinciana, característica da colônia e do império.

↳ A construção de numerosos edifícios públicos e particulares, a definição das áreas urbanas e suburbanas, o calçamento das principais ruas e avenidas, são melhoramentos atribuídos a Vergniaud Wanderley - prefeito da cidade, primeiro de dezembro de 1935 a novembro de 1937, e depois de 1940 a 1945 - o que lhe valeu, dada pelos autores da época, a denominação de "precursor da revolução urbana campinense".

\* Campina Grande nos últimos anos da década de 30. As imagens meio amareladas nas fotografias são um meio de transporte para o passado: o que existia e não mais existe, persiste com inegável materialidade no papel; ali, preto no branco, estão as antigas construções da cidade: o Paço Municipal, a primeira Igreja do Rosário, a praça cercada de árvores no meio da Maciel Pinheiro, o ancoradouro do Açude Velho, a fachada de arcos do Curtume da Cardoso Vieira...

Aparições do que foi destruído povoam o discurso de uma antiga habitante e a saudade, atuando como uma força capaz de resgatar o passado, traz de volta, não sem romantismo, as retretas, os bailes, a feira, os carnavais, as relações de vizinhança, e é possível ir vendo, como um fantasma que aos poucos tomasse forma, as fachadas de azulejo dos grandes casarões, o vai-e-vem das matinês domingueiras ao som da música executada pelo coreto na Maciel Pinheiro, que se chamava então praça Epitácio Pessoa:

*"(...) Então ali, na Maciel Pinheiro (repare o que era o centro da sociedade de Campina Grande!), na Maciel Pinheiro, eram casas e casa de famílias, todas com as frentes de azulejo, eu tenho o retrato. Tinha as casas que eram assim casas enormes, sempre era assim: as casas tinham a loja e a entrada de lado para a família: a loja era só no salão da frente, lá pra trás, como as casas eram enormes, e eram tão grandes que os muros saiam na Rodoviária Antiga... era assim: as casas eram assim. Então as casas eram belíssimas, por dentro todas pintadas de tinta a óleo, tudo trabalhado em cedro, as portas, casas seculares. Pois bem, como era uma rua muito larga (eu tenho todas as fotografias) era urbanizada com aquelas árvores - chamavam "pé-de-figo" que quando estavam bem grandes a Prefeitura mandava podar, mas podar artisticamente. Eram uma beleza aquelas árvores..."<sup>(2)</sup>*

Mais imagens do que foi destruído, imagens do que se vivia e do que existia, nos são devolvidas enquanto nos envolvemos no discurso espontâneo da entrevistada:

(2) Entrevista concedida a autora por Esmeraldina Agra, em Campina Grande, 22 de Setembro de 1988.

"(...) Pois bem, além de tudo isso, da rua ser urbanizada com essas árvores, ali, em frente à Livraria Pedrosa tinha o Coreto. Então o Coreto era onde a música, dia de domingo (porque antigamente... vocês são jovens não sabem...), antigamente nas cidades do interior a música - não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha diversão - era o que contava, então tinha a Retreta. Eu participei!! Aí então ficava a música no Coreto tocando e as moças ali. As mães ficavam sentadas nas cadeiras nas calçadas, não sabe? e as filhas passeando de braços, moças com moças, pra lá e pra cá e os rapazes em pé, debaixo dos "pés-de-figo". Aí então a Retreta era da casa de Mon-senhor Sales - a calçada até cá, no 3º eco dos Bê-bados. A gente voltava antes porque tinha o Coreto... eram assim as Retretas Tradicionais. Isso era dia de domingo. Agora, todo Carnaval, o Carnaval falado de Campina Grande, que não tem quem possa descrever a beleza do Carnaval, o Corso, também era na Maciel Pinheiro, porque a rua era muito larga e assim o Corso arrodia fazendo o contorno no Coreto". (3)

- A Maciel Pinheiro, espaço completamente modificado por Vergniaud Wanderley, era o reduto das famílias mais tradicionais e ricas da cidade, exatamente a parcela da sociedade que emergiu na Primeira República e que, com o chamado "Estado Novo" começava a perder sua hegemonia econômica e política.

A nível nacional, com o governo populista de Getúlio Vargas, havia uma necessidade de redefinir o espaço, necessidade essa ligada aos interesses centralizadores que visavam destruir as regionalidades e construir ao mesmo tempo uma imagem uniformizada do país. O autoritarismo reinante nas cúpulas do poder, a ditadura que se instalava no Brasil, o cheiro acre do nazismo que se espalhava com a Segunda Grande Guerra, são fatores que fazem parte do clima da década de 40. O processo de modernização que visava sobretudo o sudeste ecoava fortemente em outras regiões: o progresso era a meta principal de um governo preocupado em sedimentar de uma vez por todas no país o capitalismo e os esta-

---

(3) *Idem*

tutos da ordem burguesa. Era imprescindível que o Brasil se firmasse como "Nação" e mostrasse ao mundo a sua capacidade de produtor e de consumidor.

- Campina Grande como importante centro de comércio algodoeiro teria forçosamente que acompanhar a meta modernizadora do Estado Nacional. Uma cidade como Campina Grande, na visão do então prefeito Vergniaud Wanderley - (homem "viajado" como atestam as notícias de "O Rebate")<sup>(4)</sup>, precisava de avenidas ao invés de becos e ruas tortas, precisava de edifícios assobradados ao invés de casas que lembrassem antigas vilas, era necessário que desaparecessem do centro da cidade os cortiços e as casinhas "mal-cheirosas e sem saneamento) das prostitutas. A cadeia, o Cemitério deviam ser mantidos à distância, e cabia ao executivo da ordem burguesa aparelhar o espaço urbano com os recursos da modernidade. Junto com a política e o domínio das famílias tradicionais, declinava também a sua arquitetura, sua cultura baseada em traços provinciais. A Maciel Pinheiro como vitrine de um passado a ser esquecido não foi poupada. Nas falas de uma entrevistada podemos perceber claramente a necessidade de que a nova ordem modernizadora, através de Vergniaud Wanderley, tinha de re tomar esse espaço central e vital da cidade de Campina Grande:

"(...) Olhe, vã entendendo: a Maciel Pinheiro era onde se realizavam as Retretas, era onde se realizava o Carnaval. E a feira semanal. Aos sábados. Eu tenho o retrato da feira. Só era sair e comprar, assim. Era mesmo como se faz hoje na feira: eles armavam as barracas na sexta-feira à noite, tã entendendo? as "toldas". O mercado era onde hoje é a Sapataria Cruzeiro. Pois bem, ali era o Mercado Público, que quando era nas eleições a comida dos eleitores era lê. O Mercado Público começava na Maciel Pinheiro, tinha duas frentes: e a outra - tem lá até umas lojas de móveis - era por trás, sabe? Pois bem, o Mercado tinha as "tarimbas" de cimento. O Mercado Central! Mas a feira, as "toldas" de carne, de tudo - (dentro do Mercado era feijão, farinha, essas coisas que molham) e a feira, a feira mesmo ,

(4) "Prefeito Vergniaud Wanderley - passageiro do Cliper de carreira viajou quinta feira última com destino ao sul do país e exmo. Dr. Vergniaud Wanderley, digno chefe do executivo municipal e figura de mercado destaque na política paraibana.

S.S. , que foi a negócio do Município, demorar-se-ã ligeiramente na metrópole do país, ou prossiga viagem até Santa Catarina e R.G. do Sul, regressando dentro de vinte dias. O REBATE. Campina Grande, 17 de abril de 1937 nº 230, ano V, p. 6.

"Prefeito Vergniaud Wanderley - tomando passagem no Netúria, viajou dia 9 ao Rio. O REBATE. C. Grande, 16.01.1937. nº 218, ano V, la pag.

de carne, de miudezas de tudo era mesmo como você vê na feira grande, mas armavam e desarmavam as barracas como fazem lá. A rua era depois limpa pela Prefeitura que era prá no domingo amanhecer brilhando. E os cinemas, o Cine Teatro Apolo também eram na Maciel Pinheiro. Os Clubes de Dança como o 31 e o Éden. Pois bem, quer dizer que tudo ali era a cidade, o coração da cidade, o "filé"! Ora! Clube de dança, cinema, retreta, feira, música, comércio, carnaval, casas das melhores famílias... era tudo ali: prá você ver o valor daquele trechinho!!" (5)

Para o prefeito que se supunha "o modernizador" não era fácil deixar que essa falta de especialização do espaço urbano continuasse a fazer uma rua central da cidade um local onde, ao mesmo tempo, feirantes e suas mercadorias e suas tropas de animais se misturavam numa algaravia de vozes e cheiros. Que cartão de visita seria esse centro apinhado de tudo que destoava com a modernidade? A feira deveria ter seu lugar próprio, assim como o comércio precisava de seu espaço especial. Era hora de delimitar as áreas urbanas e suburbanas, reorganizar a cidade, remover as imagens contrastantes com o progresso. Tendo como base um plano urbanístico previamente decretado, Vergniaud Wanderley começou a destruir e a construir, numa verdadeira operação de enquadramento da cidade nos moldes do progresso.

"O prefeito Vergniaud Wanderley iniciou a re-forma arquitetônica da cidade, começando por obrigar os donos dos prédios da praça da Matriz a regular o alinhamento dos mesmos". (6)

A Cadeia Nova foi demolida. Onde já se viu, no centro da cidade uma cadeia que deixe à mostra as sequelas desse "instrumento de correção"? Como permitir que os honrados cidadãos continuem convivendo ao lado da "gentalha" que significa uma ameaça a própria noção de civilidade? E como suportar suas lamúrias, suas mãos agarradas nas grades a cabeça entre as barras, espreitando o sossego dos passantes?

(5) Entrevista concedida à autora por Esmeraldina Agra, em Campina Grande a 22. de setembro de 1988.

(6) CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. João Pessoa, Departamento de Publicidade, 1947. p. 172

A rua Augusto Lira que ficava na margem esquerda do Açude Velho foi totalmente desapropriada em 1942 pelo prefeito Vergniaud Wanderley. X A travessa do Castelo, que começava na rua Maciel Pinheiro e terminava na praça Lauritzen - antiga rua Princesa Isabel - também o foi, sendo fechado o beco em 1944. X A praça Epitácio Pessoa, devido as construções ordenadas por Vergniaud Wanderley, que avançavam pra o alinhamento da Maciel Pinheiro, passou a ser continuação desta rua. X A travessa Lindolfo Montenegro, antigo beco do Lindolfo, foi desapropriada em todas as suas casas para que fosse fechado o beco. A rua Visconde de Pelotas, que começava no antigo largo do Rosário e terminava na rua Treze de Maio teve seu lado direito desapropriado pelo prefeito - Vergniaud pra que se desse a continuação da avenida Floriano Peixoto. (7)

O Paço Municipal foi destruído, o Rôi Couro ( rua onde moravam as prostitutas, atual Juvino do Ó) foi lentamente sendo extinto. As origens arquitetônicas da cidade foram sendo apagadas a força de decreto e marreta: tudo que estava fora de foco segundo a visão binocular e progressista do prefeito Vergniaud Wanderley foi devidamente enquadrado no seu modelo pessoal de modernização e urbanização.

A intervenção desse "urbanizador" no espaço da cidade foi violenta e autoritária: não foi dado aos habitantes da cidade a chance de um parecer, ao contrário, mesmo contra a vontade de muitos que se viram lesados na própria inviolabilidade burguesa do patrimônio privado, o prefeito arbitrariamente sequestrou traços da cultura, da vivência e interferiu ditatorialmente no cotidiano de centenas de habitantes. Chamando novamente para prestar seu depoimento uma entrevistada, vemos fluir no seu discurso a revolta e a insatisfação com uma reforma urbanística que desceu do céu como um enorme Zepelin e pairou em Campina Grande nas décadas de 30 e 40 como uma ameaça de modernidade:

"(...) (Você entenda que eu não sou contra o progresso, tá entendendo? mas o prefeito devia fazer uma excessão e ouvir o pessoal da cidade, porque a pessoa ser "ditador"?! ser uma "mão-de-ferro"?! (...) Tá certo, porque toda cidade deseja o progresso, mas o dever do prefeito era ouvir seus acessores e ouvir a opinião pública. Me diga uma coisa: numa cidade sô quem pode ditar é o

(7) Idem, pp. 117-124.

*prefeito? Porque a população ajuda com os impostos, com o trabalho, com a indústria, com o comércio, com a vivência, com a sociedade... e essa população não pode viver marginalizada. O povo de Campina Grande é alta neiro - não sei se você vai se lembrar de dizer isso... - mas também a pessoa se curvar exclusivamente a um prefeito não é brincadeira não! E eu na minha idade, pelo que ouvi e pelo que senti, dentre todos os prefeitos de Campina Grande, o único que conheci, ele foi o único prefeito que se considerou o "dono do mundo" e o "ditador".*"<sup>(8)</sup>

*\*O discurso progressista e modernizador que se fortificou justamente na época que agora analisamos, determinou a nível nacional que era praticamente um crime contra a humanidade ser-se contra o progresso e contra a modernização. É ser contra a própria "Nação" desejar vê-la mergulhada na insalubridade, na falta de técnica. O que é preciso é desejar ardentemente máquinas e utensílios, edifícios, concreto, arroelas e engrenagens, monstros mecânicos, fábricas gigantesca, turbinas, montes e montes de artefatos. É preciso apreciar a exibição burguesa e sobretudo produzir em escala vertiginosa provando o domínio crescente do homem sobre a natureza. O que vemos é que a Cidade que tosse e se contorce em meio as ferragens e às nuvens de poeira, sentimos que a violência do trânsito e das esquinas se multiplica com o número de automóveis e loteamentos: encarapitados nas favelas, sob o peso dos arcos dos viadutos, espremidos nos "kitnetes" e nos metrô caminham os habitantes da cidade. Não mais de braços fazendo sombra nas calçadas ladeadas pelos lampiões como antigamente, mas com uma pressa assustada como se quisessem se ver o mais longe possível do passado. Talvez com um certo medo de sentirem nostalgia e saudade de uma vida mais calma e mais intensamente apreciada, e continuam fugindo como se um fantasma puxasse seus calcanhares:*

*"(...) uma advertência: não imagine o leitor que o caráter aparentemente vaporoso e precário das imagens da modernidade pode trazer alguma leveza grácil aos destinados das fantasmagorias da técnica. Ao contrário, todos nós sabemos a barra de viver sem chão, o*

(8) Entrevista concedida à autora por Esmeraldina Agra, em Campina Grande, a 22 de setembro de 1988.

*peso de cada minuto nestes tristes trópicos , a desolação que é ver a cidade virada pelo avesso; todos nós sentimos, num dia qualquer, a vertigem do vazio, num cenário em que já - não cabem mais maravilhas mecânicas".* (9)

~~X~~ Mas certamente o prefeito Vergniaud Wanderley não pensava dessa forma, ao contrário, para ele a instituição do progresso, mãe de todas as maravilhas mecânicas, era a salvação do homem, o motor que impulsiona o "bem comum". Baseando-se nessas premissas, e tendo como mandamento número um a lei do trabalho, ele pôs realmente mãos-à-obra e realizou tantas transformações arquitetônicas e urbanísticas em Campina Grande que alguns autores chegaram ao extremo de compará-lo a um santo e suas realizações a um milagre. Essa mistificação do progresso juntamente com o discurso, viabilizando através da justificativa do bem comum, nada mais é que a aplicação da dominação classista que mascara os interesses de uma minoria que utiliza estratégias ideológicas para se apresentar como realizadora das aspirações populares. O "bem" por si só já é um conceito questionável pois repousa no maniqueísmo quando encontra o seu antônimo, o mal. O que é bom? e para quem? Quem seria esse "comum" beneficiado com as desapropriações, com as novas construções? Quem teria concedido a Vergniaud - Wanderley tanta sabedoria e autoridade para que ele soubesse, com tanta certeza, o que é melhor para todos?

A força patriarcal que submete os filhos severamente a se conformarem dentro de roupas engomadas e limpas, a necessidade burguesa de sapatos brilhantes e gravatas, todas essas indumentárias que permitem a diferenciação imediata dos ricos e dos pobres, ultrapassa o nível individual e familiar e vai se expressar abertamente na sociedade como um todo, se refletir num âmbito mais largo no seu espaço físico. Assim como Vergniaud se via refletido elegantemente no espelho com seus trajes impecáveis e seu rosto barbeado, também assim deveria ser a cidade por ele governada: alinhada, cheirosa, apresentável.

A estética burguesa não permite as ruas sem calçamento, sem meio fio, sem linha d'água, tudo deve ser devidamente canalizado, controlado, previsível. A lógica de sua própria vida foi transferida para a cidade que teria - que ser moldada segundo sua visão, de forma a compor uma imagem à semelhança do ideário burguês.

"ALINHAMENTO, NIVELAMENTO, ARRUAMENTO: - No ano de 1936, retificamos as ruas João Tavares, Miguel Couto, Oriente, Maciel Pinheiro, José

(9)HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma. a modernidade na selva. São Paulo , Cia de Letras, 1988, p. 14

Carlos, Aparecida, Creação, José Tomé e avenida Almeida Barreto. Regularizamos as rampas das ditas. Prolongamos umas e projetaram-se outras, tais como Matadouro, Floriano Peixoto, Tavares - Cavalcante, Floresta, Afonso Campos, Desembargador Trindade, Industrial, transversais à Praça da Guia, etc. No ano de 1937 ultimaram-se tais serviços na avenida da Guia, rua 13 de Maio, Barão do Abiaí, Lapa, Frei Caneca, prolongamento de Rui Barbosa, Miguel Couto, Vidal de Negreiros, avenidas da Prata, Arrojado Lisboa, Antonio de Sá, margens do Açude Velho que foram guarnecidas de cais de alvenaria de pedra com argamassa rejuntada".<sup>(10)</sup>

Os beneficiamentos não pararam por aí. No mesmo relatório vamos encontrar mais adiante a listagem, por mês, dos serviços de melhoramentos executados a mando do prefeito Vergniaud Wanderley:

"(...) TERRAPLANAGEM, REVESTIMENTO, ABAULAMENTO:

- Têm sido de vulto os serviços de terra: refazendo-se, melhorando-se, dando-se melhor repartição de águas a vários trechos da cidade. Além de significativo volume de terra em movimento, efetuou-se grande faixa de revestida com material bom, com primido e abaulado. Tivemos a ocasião de fazer a seguinte estatística de trechos:

Em Janeiro - atacávamos a Lapa, Frei Caneca, 4 de Outubro, Miguel Couto.

Em Fevereiro - continuávamos 4 de Outubro, Miguel Couto e iniciávamos Oriente.

Em Março - prosseguíamos Miguel Couto, 4 de Outubro e iniciávamos Maciel Pinheiro em desmonte.

Em Maio - Largo da Luz, Estudos deaixa de Pau, Queimadas, Boqueirão, Lapa e Maciel Pinheiro.

Em Junho - Baixa de Pau, Lapa, Miguel Couto e estradas.

Em Agosto - Lapa e Prado.

Em Setembro - Prado, João da Mata, Miguel Couto, Praça da Luz e Lapa.

Em Outubro - Praça da Luz, Prado e Miguel Couto.

---

(10) Relatório Oficial da Prefeitura apresentado à Câmara Municipal, ref. ao período administrativo da gestão de Vergniaud Wanderley de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1936. Arquivo do Museu Histórico Municipal de Campina Grande.

Em Novembro - Praça Antonio Pessoa.

Em Dezembro - Miguel Couto.

Fizemos assim uma área em metros quadrados de 62.250 aproximadamente. Em assim sendo a média diária atingiu a 199 metros quadrados. Em 1937, fazíamos a mesma espécie de serviço no Açude Velho, 13 de Maio, João da Mata (em continuação ) ruas transversais a Miguel Couto e outras".<sup>(11)</sup>

A importância do planejamento urbano repousa na necessidade de controle do espaço provocando a retração da criatividade e da espontaneidade, eliminando os imprevistos, as construções que vão de encontro ao estereótipo burguês, as "deformações" do traçado não-linear. A lógica cartesiana, funcional, formal, é aplicada em todo território urbano de maneira a não deixar brechas para os impulsos emocionais que levam as populações a denominar e ocupar os espaços naturalmente, de acordo com as sensações e idealizações por eles provocadas. O planejamento cria o "espaço de gabinete", onde cada coisa tem seu lugar determinado e onde pessoas e objetos cumprem funções pré-definidas segundo os parâmetros de uma ordem que muitas vezes lhes é estranha.

Planejar a limpeza, a circulação, limitar e estabelecer normas para o uso levando em consideração inclusive o tempo e o modo de se utilizar a cidade, sempre dentro das restrições impostas pela economização típica do comportamento acumulativo burguês. Os técnicos a serviço do governo detêm o conjunto de saberes necessários a aplicação da nova estética burguesa do belo que se contrapõe a antiga estética conservadora, mais rebuscada, carregada de detalhes: a urbs precisa de praticidade, é necessário acionar também a ética do utilitarismo. O positivismo e o cientificismo, aliados fiéis do progresso ajudam a criar respostas e argumentos ao contra-discurso que se nega a aceitar a moralização e a higienização. A disciplina que acompanha o planejamento faz parte das estratégias de controle do espaço por parte das classes dominantes. A racionalização do território urbano é imprescindível pra que a cidade se desenvolva segundo a geometria burguesa:

"(...) A ciência e a técnica devem indicar soluções para superar os obstáculos que os homens enfrentam em sua relação com o meio. As inovações tecnológicas, os métodos da standardização e de mecanização da indústria devem ser aproveitados na remode-

(11) Idem, *ibidem*.

*lação da cidade, na linha do pensamento urbanístico **progressista**, assegurando a saúde e a higiene dos habitantes: zonas verdes, espaços abertos, muito sol e luz. Os fluxos de circulação no interior da cidade, ou no interior da casa, devem ser organizados racionalmente de modo a facilitar a movimentação dos homens-mercadorias".* <sup>(12)</sup>

A minuciosidade técnica e o exagero da racionalização que visam o controle do espaço podem ser observados em um documento primário que encontramos no Museu Histórico de Campina Grande. Este documento é um cadastro que relata detalhadamente os "melhoramentos públicos" e dá uma visão geral dos dois primeiros anos da administração Vergniaud Wanderley. Nele vamos achar também dados relativos ao recenseamento, alinhamento, nivelamento e arruamento, loteamento, construções, reconstruções, terraplanagem, revestimento e abaulamento, dias de trabalho, observações de tráfego e transporte de materiais, serviços de vulto, obras de arte, valorização de áreas por construção, locações de prédios, iluminação pública, além da descrição de várias obras concluídas pela prefeitura. Todos esses dados nos dão a idéia do quanto eram valorizados os conhecimentos sobre o espaço urbano, e de que forma se apoderar desses saberes era importante para regular e dominar o espaço. De posse desses dados a prefeitura poderia manobrar à vontade seus recursos de maneira a aproveitar o máximo o espaço urbano de acordo com seus interesses "modernizadores", além do que eles serviriam também para prestar contas à comunidade do exaustivo trabalho que por ela então se realizava. Tivemos através desse mesmo documento a informação de que o prefeito Vergniaud Wanderley se preocupou também em mandar fazer a planta da cidade para tela inteiramente sobre seu bureau, para poder melhor dispô-la, tendo-a nas mãos. No entanto infelizmente, não foi possível encontrar essas plantas que, segundo funcionários da COPLAN foram destruídas como a grande maioria dos documentos do governo Vargas.

O olhar abrangedor e constrangedor do poder sobre o espaço não deixa passar despercebido o mínimo detalhe e quando trabalha em cima dos dados que colheu e os reverte organizadamente em um relatório é como se avisasse as populações de que elas estão sendo sempre vigiadas por esse olhar técnico e onipresente, dando-lhes a certeza de que estão sob controle e que não dispõem

(12) RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabará ao Lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. p. 193.

de um instrumental técnico e teórico capaz de analisar o espaço urbano pertencente unicamente a quem "tem" o poder.

A questão da habitação é fundamental para a manutenção da higiene popular no sentido de evitar a proximidade, a infecção do espaço urbano a as desordens físicas e morais. Reproduzimos a seguir um quadro do cadastro - que reflete essas preocupações:

"CONSTRUÇÕES, RECONSTRUÇÕES E MELHORAMENTOS: - No ano de 1936, realizou-se a seguinte estatística:

M E S	CONSTRUÇÃO ALVENARIA	RECONSTRUÇÃO	FRENTE TIJOLO	TAIPA	MELHORAM.
Janeiro	26	1	11	22	52
Fevereiro	12	7	6	4	33
Março	21	5	1	5	30
Abril	26	5	0	20	31
Maio	23	5	5	20	14
Junho	48	2	2	9	14
Julho	10	9	0	4	13
Agosto	29	3	1	13	33
Setembro	41	2	7	14	23
Outubro	24	4	4	15	33
Novembro	52	2	14	30	34
Dezembro	34	8	8	30	43
T O T A I S	346	53	50	186	383

fonte?

Pelo quadro acima, note-se a pressão das construções de alvenaria sobre as de taipa, resultado do controle feito. No ano de 1937:

M E S	CONSTRUÇÕES ALVENARIA -	RECONSTRUÇÃO	FRENTE TIJOLO	TAIPA	MELHORAMENTO
Janeiro	52	5	11	39	29 *
Fevereiro	42	2	10	24	32
Março	23	1	4	31	35
Abril	19	1	3	13	26
T O T A I S	141	9	28	107	122

Neste ano tem havido alteração nas construções de alvenaria de tijolo notando-se mesmo assim, o predomínio a que nos referimos atrás. Notamos que em 1936 tivemos um prédio e meio por dia e em 1937, vamos tendo a média de 1 prédio a 2 décimos. Sobre os prédios de 1º andar, fizemos a seguinte estatística: Ano 1936:

Janeiro	-	2
Abril	-	1
Mai	-	1
Junho	-	1
Julho	-	2
Agosto	-	<u>2</u>
TOTAL		10

Ano de 1937:

Janeiro	-	2
Fevereiro	-	2
Março	-	3
Abril	-	<u>2</u>
TOTAL		9

" (13) "

Este trecho do relatório da Diretoria de Obras Públicas Municipais, cujo diretor era o engenheiro Lourival de Andrade, nos dá a justa medida da luta que se travava então entre a cultura popular, construidora das casas de taipa e detentoras desse tipo de saber, e a cultura dominante, burguesa. A forma tradicional de construção, trazida do campo tem que ser eliminada e substituída pelos novos padrões de construção burguesa. O novo modelo de cidade que se pretendia erguer dispensava a estética rural e provinciana para dar lugar a alvenaria e às linhas retas resultante dos traçados a tijolo. Claro - que agora não se poderia mais extrair barro dos arredores e erguer uma casa : era preciso agora plantas arquitetônicas previamente elaboradas, compra de ti-

(13) Relatório Oficial da Prefeitura apresentado à Câmara Municipal, ref. ao período administrativo da gestão de Vergniaud Wanderley, de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1936. Arquivo do Museu Histórico Municipal de Campina Grande.

jolos e cimento, formas óbvias de acelerar o desenvolvimento da indústria da construção civil. Certamente essas novidades todas estão ligadas as viagens do prefeito Vergniaud Wanderley a centros urbanos do porte de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como atestam as notícias do jornal "O REBATE". Dessas visões trazidas de grandes centros urbanos o prefeito elaborava planos e projetos de modernização tentando viabilizar a imagem de urbs moderna que apreendia. A sua própria imagem de homem moderno e viajado, acostumado a tratar com "cidadãos altamente civilizados", era o que ele queria ver refletida na cidade, como um narciso que se contorce de prazer diante de tão iluminado espelho. A violência das destruições, a intromissão - desavisada no espaço e no cotidiano dos habitantes, a força com que os tentáculos do progresso iam apertar a cidade não importava: o que importava realmente era que o desenvolvimento caprichoso da imagem de urbs moderna que Vergniaud tinha na cabeça extrapolasse o nível do imaginário e se tornasse concretos prédios de elegância incontestável.

*"Cumpro observado que, com o zelo que temos desenvolvido em torno das construções, os edifícios moldados nas plantas previamente exigidas, tomam aspectos modernos, destacando-se principalmente nos bairros, e novas avenidas, tais - como João da Mata, Desembargador Trindade, ruas da Prata, Miguel Couto, onde residências particulares revelam gosto estético, contrastando - com a maior parte dos casarões pesados, sem luz direta, nem condições higiênicas, existentes na parte central e primitiva da cidade". (14)*

A referência feita no cadastro aos casarões pesados, antigos, anti-higiênicos e sem luz direta pode ser transferida para toda classe que os er- gueu e que na época estava em franca decadência: também seus olhos estariam opacos e sem luz, também seus corpos velhos e cansados precisariam da modernida- de e da higiene, a lentidão de seu conservadorismo necessitaria da aceleração- promovida pelo progresso. O gosto estético dessa classe decadente dona dos casarões primitivos, oriunda da Primeira República, com seu paternalismo e suas tradições provincianas deveria ser literalmente derrubada, seu status de- veria cair por terra junto com sua cultura e seu poderio. O gosto estético e o

(14) *Idem.*

ideário da antiga classe dominante ( composta pelas oligarquias agrárias) deveria a todo custo ser em substituídos pelo afã do modernismo, pela praticidade, pela limpeza, pela luz forte: tudo que era "atrasado" precisava correr para o encontro glorioso com o futuro, num Brasil que vivia um aceleramento no processo de industrialização e exaltava, através da voz e dos braços fortes do autoritarismo getulista a ordem burguesa e seu progresso.

Um outro fator de grande importância que Vergniaud Wanderley mui sabiamente não esqueceu foi o das comunicações. Para ele, e sua visão amplamente modernista era inconcebível uma cidade como Campina Grande, centro comercial dos mais afamados, sem suas linhas telefônicas. E não deixou por menos:

*"INSTALAÇÃO DE TELEFONES AUTOMÁTICOS. Com a necessária autorização da Câmara, foi feita a concorrência pública para a instalação telefônica nesta cidade, serviço aliás reclamado pela população, dadas as condições precárias de comunicabilidade pra negociações comerciais e sociais. Na concorrência foi vencedora a firma Erisson do Brasil, com a qual realizamos o contrato de compra do material em prestações módicas. Havendo necessidade de uma casa para sede do serviço, construímos um prédio apropriado - para nele funcionar a estação telefônica, sito à rua Venâncio Neiva". (15)*

Neste discurso, encontrado no relatório endereçado à Câmara Municipal de Campina Grande, notamos interessantemente que um serviço como o telefônico, que até hoje não favorece as populações como um todo, é inicializado tendo como justificativa as reclamações públicas para a sua instalação. É óbvio - que uma minoria de ricos comerciantes seria altamente beneficiada com as possibilidades de uma comunicação rápida e à distância, o que lhes pouparia "tempo e dinheiro", dois deuses da burguesia. No entanto não podemos deixar de observar que, além do deleite dos dominantes, confortavelmente instalados em seus gabinetes resolvendo modernamente através de um fio seus negócios, também as populações de despossuídos deveriam se sentir tocadas com o fato de "em sua cidade" existir um meio de comunicação tão desenvolvido. Infelizmente não te -

---

(15) *Idem.*

mos dados a respeito de possíveis ressentimentos causados pela impossibilidade de grupos possuírem a terem acesso a tal maravilha da modernidade. Nos outorgamos no entanto o direito de imaginar o espanto e a curiosidade dos habitantes de Campina Grande no momento de inauguração das instalações telefônicas. Como já dissemos esse fator de progresso, indicativo seguro que a cidade caminhava pelos fios e pelo ar a caminho da modernidade, estava ligado diretamente à atividade comercial e a necessidade de intensificação de seus negócios por parte da classe dos comerciantes.

Outro fator de grande importância do qual não se descuidou o operoso prefeito Vergniaud foi o do abastecimento d'água. A limpeza e higienização é fundamental numa cidade moderna: necessário é acabar com a poluição da água, e liminar os focos de doenças causadas pelas águas estagnadas. É imprescindível canalizar esse líquido vital, tratá-lo, fazê-lo circular limpa e abundantemente. É a lógica da circulação capitalista contra a lógica da estagnação e do passado. O saneamento básico é aliado da política de assepsia que visa canalizar tanto a limpeza para dentro dos lares como levar pra longe todos os dejetos e excrescências que provam as "fraquezas" da burguesia que acabam por ter necessidades iguais a todos.

Entre outras obras devemos lembrar a construção do "palacete" da prefeitura, também esta de roupa nova e domingueira, capaz de impressionar visitantes desavisados que, chegando a uma cidade do interior paraibano vão se deparar com um faustoso edifício de quatro andares, nos últimos moldes da modernidade, construído para abrigar uma administração exemplar. Dali o "pequeno rei" daria suas ordens, dali, lordemente trajado o prefeito apontaria os rumos do progresso da cidade.

O enquadramento da cidade de acordo com a visão funcionalista e utilitarista do representante da burguesia no executivo municipal não só desapropriava e destruía, era preciso que essas ações se fizessem acompanhar de idéias que as justificassem. O ângulo reto, a esquadria, a desinfecção, o alargamento eram propostas básicas de um planejamento que iria interferir diretamente no cotidiano dos habitantes, colocando por terra não somente casas e taperas, mas também reformulando relações sociais fundamentadas num outro tipo de organização do espaço. As relações de poder que ocorrem em um beco, a intimidade que seus moradores cultivam entre si e com o espaço, certamente é diferente das relações que se desenrolam entre os moradores de uma larga avenida. É deste aspecto que trataremos no próximo capítulo.

"... O monumento não tem porta  
A entrada é uma rua antiga  
Estreita e torta  
E no joelho uma criança  
Sorridente feia e morta  
Estende a mão..."

(CAETANO VELOSO, *Tropicália*)

## CAPÍTULO II

### NA INTIMIDADE DOS BECOS

O poder não é uma entidade abstrata que paira sobre a sociedade, nem um objeto que se toma ou se entrega, é uma relação que se estabelece entre pessoas e entre grupos no cotidiano das lutas sociais. As relações de dominação que se dão de forma isolada ou circunstancial, estão presentes no dia-a-dia da família e das instituições políticas, nas escolas, na rua, no trabalho e no lazer: às vezes de forma explícita - quando por exemplo a força policial intervêm numa manifestação de rua - outras vezes de maneira sutil e disfarçada. Na cidade a luta pelo domínio do espaço urbano se expressa através de relações de poder onde estratégias múltiplas são utilizadas pelos grupos em confronto.

Partindo de uma visão histórica vamos encontrar no processo de evolução urbana categorias do tipo "aldeia", "povoação", "freguesia", "vila", "cidade", "metrópole", cada qual com sua carga própria de significação espacial. A transformação da aldeia em cidade não foi um processo pacífico e ordenado, não se deu sem a existência de conflitos, e como já foi dito, se pode encontrar nessas lutas, diferentes expressões das relações de poder, bem como identificar as estratégias dos vários grupos sociais: "esterelização do espaço", "erradicação da miséria e da doença", "desapropriações a mando do poder público", criação de imagens positivas que justifiquem perante a sociedade as transformações, elaboração do discurso progressista. Mas observamos também que por outro lado são elaborados contradiscursos e formas de resistência ao desenfreio do progresso, assunto a ser tratado em capítulo específico.

Tomando como objeto de análise a cidade de Campina Grande na década de 35 a 45, vamos encontrar em nação essas estratégias, e podemos observar de perto (tanto quanto nos permite o passado) a luta pelo domínio do espaço através de documentos, jornais, autores da época e entrevistas.

Uma estratégia de dominação sutil o bastante para passar despercebida é aquela que produz a quebra de identificação entre o espaço e quem o ocupa. A troca dos nomes das ruas e inclusive a modificação de suas funções é uma dessas táticas de dominação e controle do espaço. Os nomes dos logradouros, inicialmente atribuídos pelos populares (e que funcionavam como símbolo e

representação de determinado lugar) são substituídos por nomes que não têm vinculação alguma com o que neles ocorre, passando a ser uma demonstração de onipresença da classe dominante. É assim que a grande maioria das ruas de uma cidade, Campina Grande inclusive, repetem a monografia e as datas da história oficial: os nomes dos grandes heróis e as datas nacionais e regionais é obrigatoriamente repetido e fixado pelos habitantes da cidade.

Embora os resultados desse tipo de estratégia agradem particularmente aqueles interessados em controlar a cidade, artéria por artéria, há também uma resistência que não pode ser escanteada: mesmo desinfetando, limpando, expropriando a pobreza e os "maus-hábitos", nem sempre as classes dominantes conseguem apagar da memória popular e quebrar a identificação e o significado emocional que certos espaços têm para seus ocupantes.

Os becos são, pela imagem de escuridão e marginalidade que deles se constrói, alvo constante das estratégias de controle social aplicadas pelos grupos dominantes: as ruas onde se situam os cabarês são sempre malvistas pela moral burguesa cristã, muito embora grande parte dos componentes dos grupos economicamente dominantes sejam "habituês", frequentadores assíduos das casas de prostituição: essa contradição revela a "falsa moral", um dos artifícios ideológicos que provoca nas cidades a existência da repressão provinciana, ou seja, dá lugar aos fuxicos, mexericos e discriminações. tornando-se uma forma de introjetar em toda sociedade a noção de vigilância moral que se deve exercer sobre si mesmo e sobre o outro. Passam a existir então as pessoas e famílias "faladas", "mal vistas" na rua e até mesmo em espaços mais ampliados como o "bairro".

A conclusão a que se chega de imediato é que a "falsa moral" funciona também como forma de dominação ideológica e serve para segregar e classificar os espaços tendo por parâmetro a "moral" dos grupos dominantes. Bebados, prostitutas, vagabundos, boêmios, pobres de "higiene duvidosa", não serão certamente a vizinhança adequada para os grandes comerciantes de algodão e para as senhoras de "alta sociedade".

Como foi visto no capítulo anterior, na gestão Vergniaud Wanderley muitos foram os becos tampados, destruídos. No entanto um dos becos que ao nosso ver fere especialmente os delicados ouvidos burgueses permanece: é o beco da Merda, ao lado do Museu Histórico. O nome do beco vem evidentemente de suas funções como banheiro público ao ar livre. Essa resistência através dos anos tanto do beco em si como do manutenção de suas funções nos parece uma forma de reagir aos mandamentos de limpeza da ordem burguesa, mas

contêm também um elemento comum às populações pobres que é um certo humor e uma certa sensação de liberdade que vem do fato de violar as regras estritas da "boa conduta", como se ludibriar determinados valores desse por momentos a idéia de afirmação, ou sejam negando a moral burguesa (que exige que as necessidades fisiológicas sejam satisfeitas o mais escondido e discretamente possível, cultuando até aí a individualidade) o "transgressor" estaria negando a dominação e o controle que é imposto aos espaços urbanos. A respeito desse beco nos diz uma entrevistada:

*"(...) Nunca teve um prefeito para calçar, pra fazer um melhoramento, pra nada. Porque aquilo podiam tapar não é? mas chamam o beco da Merda... Olhe, quando tinha festa ali no Natal em frente à Catedral, ali então todo mundo que queria cagar era lá: beco da Merda, beco da Merda, beco da Merda... e esse beco atravessou os prefeitos, ninguém nunca endireitou. Onde foi que Vergniaud Wanderley endireitou esse beco? onde foi? eu não sei onde foi..."<sup>(1)</sup>*

Um outro beco que resistiu às larguras da modernidade é o beco dos Bêbados. Embora a própria vizinhança e os habitantes se queixem da sujeira, da "peste de ratos" que também mora ali, a estreita ruazinha permanece, para muitos como simpática recordação de pileques homéricos. Os becos parece que trazem nojo aos habitantes mais elitizados e no momento em que tem que inevitavelmente percorrê-los o fazem quase como se fosse uma concessão, mas não deixam de fazê-lo apressadamente para evitar qualquer contaminação social.

O mesmo acontece com as ruas onde trabalham e moram as prostitutas: mesmo muitos dos frequentadores não se sentem à vontade para a luz do dia passear por ali.

O Rôí Couro, hoje rua Juvino do Ô - antiga 4 de Outubro - foi

(1) Entrevista concedida à autora por Esmeraldina Agra.

eliminado pelo prefeito Vergniaud Wanderley, que dentro da lei e fazendo cumprir seu plano de urbanização, muito estrategicamente determinou que as casas onde moravam as prostitutas sã poderiam ser alugadas se devidamente saneadas segundo os padrões de limpeza e modernidade. Evidentemente elas não tinham poder econômico suficiente para cumprir tal determinação e então tiveram que se mudar. Se a moral burguesa não estava tão interessada no tipo de trabalho que as prostitutas realizavam - a venda do sexo - estavam muito interessados em retirar do centro da cidade as possibilidades de balbúrdia a alegria, e em nome da assepcia e do controle às doenças simplesmente removeu, através do saneamento e seus fiscais, o Rõi Couro da rua Juvino do Õ. Este foi se localizar perto da feira, que tendo sido tirada da Maciel Pinheiro localizava-se então na atual Manuel Pereira de Araújo. Devido a Segunda Guerra o nome Mandchúria foi o escolhido pelos populares para denominar o local, e mesmo tendo sido removidas as prostitutas continuaram a atuar, recompondo em outra parte seu estilo de vida. O nome portanto, mesmo modificado e em outro lugar, continuava mantendo a identificação com o espaço e suas funções, exatamente como o beco dos Bêbados ou da Merda: se alguém dizia que ia na Mandchúria ou num dos becos sabia-se exatamente o que estava pretendendo.

A rua do Emboca - hoje Peregrino de Carvalho - também era assim denominada pelas suas primitivas funções: era na rua do Emboca que embocavam as boiadas que chegavam a Campina Grande. Muitas das pessoas que perderam seu "status" ao terem desapropriadas suas residências na Maciel Pinheiro foram morar ali, e é segundo a crônica de uma dessas moradoras que descobrimos mais um pouco do passado da cidade, os aspectos pitorescos e um desenho dos tipos humanos e figuras quase legendárias que habitavam a rua do Emboca. É o caso de Seu Manuel:

"(...) com sua tropa de jumentos, bem no centro da rua onde residia, que fornecia água doce (de cisterna) ou salgada (de açude) para todo o quarteirão haja visto que não existia saneamento.

Seu Manuel, alto, caboclo de cabelos pretos e lisos, magro, quase sempre com um cachimbo na boca, de manhã à noite com a tropa de jumentos carregando água até morrer, quando foi atropelado por uma bicicleta na mesma rua onde morou e trabalhou na árdua

ESTADO "A LUGAR DO OUTRO" FRUSTRADO

*profissão que exercia". (2)*

11  
Sõ em março de 1937 foi assentado o primeiro tubo do serviço de água e esgotos (sic) (3), e anteriormente como nos diz a crônica acima citada a água de beber era trazida pelos jumentos. O progresso mais uma vez vem interferir diretamente nas relações sociais, desfazendo laços, construindo outros; substituindo a intimidade da figura querida de Seu Manuel e o contato humano do vendedor de água pela impessoalidade dos canos de saneamento. Temos ainda o caso das "Casas de Rancho" de Dna. Puçã, Dna. Sara, Vitalina, Nevinha e Dna. Generosa:

*"(...) Nessas Casas de Rancho se hospedavam rapazes empregados do comércio e que residiam em outras cidades. Os velhos casarões desses Ranchos, tinham quintais enormes cercados de varas, e em dias de feiras, os matutos guardavam os animais, pagando uma pequena importância por cada animal". (4)*

O desenvolvimento urbano e comercial, transformando a cidade num centro cada vez mais modernizado, diversifica as atividades e exclui lentamente muitas delas que o ideário burguês passa a considerar incompatíveis com o ideal de urbs progressista:

*"(...) O comércio dilatou suas atividades pelo interior dos Estados vizinhos, e na cidade foram instalados armazéns por atacado, de tecidos, ferragens, louças, miudezas, material de saneamento, etc. Apareceram fábricas de gelo, mosaico, arame, estopa, tecidos grossos e sacaria, laticínios, móveis, calçados,*

(2) Crônica Inédita escrita por Esmeraldina Agra, intitulada "Radiografia de uma Rua de Campina Grande", inserida no livro obviamente também inédito "Guardando o Passado".

(3) CÂMARA, Epaminondas. op. cit. p. 176.

(4) Crônica Inédita escrita por Esmeraldina Agra.

*etc. Os bancos, ponto à margem os agiotas, fomentaram o crédito regional, influenciando - de modo interessante na vida econômica do Estado. Automóveis e caminhões invadiram - as ruas e as rodovias, desaparecendo fatalmente os burros de carga e as "casas de Rancho" de almocreves, e tornando a cidade o mais movimentado centro de caminhões do Norte do Brasil".<sup>(5)</sup>*

A necessidade de racionalização do espaço urbano, da quantificação do território e seus habitantes mais uma vez salta aos olhos. A reforma urbana do prefeito Vergniaud Wanderley visava sobretudo eliminar o irracional, a ligação do povo com seus becos e ruas, o elemento passional e afetivo que vai de encontro ao planejamento urbano burguês, frio, metódico, matemático. As pessoas são proibidas de interferirem diretamente no espaço que ocupam com suas vidas, e em nome da estética das classes dominantes não podem mais decidir de que maneira construir suas casas, a largura das ruas, as distâncias dos meios-fios:

*"(...) Em assim sendo, não se tem mais a liberdade de desviar-se o alinhamento, como em tempos passados, prática de soluções anti-estéticas, enquanto que, adotando-se o critério de loteamento prévio, como nas grandes cidades, defende-se a parte estética, como a higiênica".<sup>(6)</sup>*

As falas do poder são portanto bastante claras a respeito de seu controle sobre o espaço. As casas passam a ser vistas como monumentos à modernidade. A reforma arquitetônica de Vergniaud Wanderley promove a derrubada dos templos domésticos, esse espaço é invadido pelo novo, que demole "sem dó, nem piedade". Os antigos casarões que abrigaram por séculos famílias tradicionais, seus ícones, objetos e sentimentos quase sagrados caem por terra.

(5) CÂMARA, Epaminondas. *op. cit.* p. 176.

(6) Relatório Oficial da Prefeitura entregue à Câmara, referente ao período da administração do prefeito Vergniaud Wanderley que compreende 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1936. Arquivo do Museu Histórico Municipal de Campina Grande.

A aceleração da modernidade está presente no movimento tornado contínuo dos automóveis, e estes exigem o alargamento das ruas, o fim dos becos, por onde não podem transitar. Os carros aparecem como verdadeiro símbolo da modernidade "desvirginando os espaços apertados, passando com força por entre as casas muito próximas: é o império das coisas sobre os homens, e estes reverentemente abrem espaço para a passagem desses símbolos do progresso. O automóvel atropela o passado e esmaga quem a ele se opõe. Seus faróis desfazem as sombras e a bruma perigosa dos becos. E quem são os possuidores de tão moderna máquina? A burguesia, que para si e sua segurança constrói calçadas enfeitadas para se refugiar. Querem longe da cidade os animais e a sujeira que fazem nas ruas, querem a limpeza, os amplos espaços, a circulação. Para isso constroem novas artérias seguindo a lógica do mercado, da mercadoria. Essa mão pode parar de circular. É imprescindível desobstruir, extrair os becos que tampam as artérias do progresso e esclerosam a cidade.

A paranóia burguesa com a circulação, a medição do progresso se expressa mais uma vez no relatório do engenheiro Lourival de Andrade. Os cálculos vem ajudar a justificar a modernização, e as estatísticas a provar que não é sem razão que as ruas são alargadas e as casas destruídas:

"(...) OBSERVAÇÕES DE TRÁFEGO E TRANSPORTE DE MATERIAIS: Pelas observações de tráfego julga-se que a cidade aumenta - vertiginosamente sua vida interna. Na rua João Pessoa, o movimento de autos é considerável. No ano de 1936, num período de 70 horas, notávamos a passagem de 8612 carros. Chegamos a um resultado de 29 carros por hora.

Daí a necessidade de abertura de novas artérias. Por isso que a avenida do Mata douro e os melhoramentos da avenida Miguel Couto, para o futuro melhorarão as condições de tráfego".<sup>(7)</sup>

---

(7) *Idem.*

A intimidade dos becos, das ruas estreitas, é devassada, primeiro pelo olho do poder, depois por suas mãos. Os sentimentos e afetos das populações são agredidos, os nomes que trazem a marca e as lembranças da ocupação do espaço são substituídos e o tempo se encarrega de alargar ( como o próprio espaço é alargado) a distância entre os habitantes e as ruas, momento em que o alheamento ao lugar onde vivem ajuda as pessoas a verem, como manda o capitalismo, suas residências, a cidade inteira como uma mercadoria, cujo valor de uso desapareceu, engolido pelo turbilhão de novidades.

Curiosos e pitorescos são os antigos nomes das ruas, que evocam o humor e a necessidade de se situar dos habitantes mediante uma nomenclatura que lhes seja familiar. Rua do Esfola Bode, Beco dos Peixinhos, Rua do Poente, Rua dos Paus Grandes, Rua das Barrocas, rua dos Mulungús ... Rua João Carga d'Água, Rua do Oriente. Além do poético, salta aos olhos o poder de identificação com o espaço, que pertence então às populações e não é difícil perceber a diferença entre a frieza estudada dos nomes oficiais e o calor afetivo entre os antigos nomes das ruas e os que a modernidade paulatinamente lhes impõe. A questão da localização geográfica, à maneira mais fácil de indicar espontaneamente um lugar também perpassavam a nomenclatura anterior das ruas, dadas espontaneamente pelos habitantes: rua do Meio, rua de Baixo... Mas como manter esses nomes numa cidade tão cheia de novas avenidas, onde dezenas de novas ruas não cessam de se iniciar?

A preocupação com a franquia, com a abertura, está ligada à própria concepção burguesa do espaço, de um mundo grande, mercado mundial - em expansão, tudo é grande, todas as proporções são exageradas. A visão localista que considera a cidade como o universo possível tem que ser destruída. O grande e o pequeno são conceitos que variam de acordo com os grupos sociais que os elaboram. Para a burguesia grande é uma castelo, para as classes populares grande é uma casa de três quartos, por exemplo.

A arquitetura leve e funcional, a praticidade e o utilitarismo que a burguesia prega vai de encontro também ao fausto e à ostentação das antigas classes dominantes. Em vez de impressionar pela ostentação, impressionar pela economia. Mas aí existe sempre uma contradição, pois em certos momentos a burguesia não abdica da necessidade de se exhibir como se, mesmo querendo ver-se livre do passado barroco e rebuscado, tivesse uma hora em que tivesse que mostrar ser capaz igualmente do luxo e da ostentação da riqueza.

As antigas fotografias nos ajudam a perceber a diferença - entre o espraiamento da cidade anteriormente contra a necessidade de crescimento vertical, para o céu, que a burguesia propõe. Os preceitos do urbanismo trazidos para Campina Grande por Vergniaud Wanderley, certamente fruto de suas incursões ao sul e sudeste do país, ditam novas regras para a construção civil. O prefeito então, superautoritariamente lança um projeto na Câmara Municipal que deferindo decreta:

"(...) JANEIRO, 17 - O decreto municipal nº 51 determinou que fossem mosaicadas as calçadas das ruas centrais da cidade e que teriam que ser assobradas todas as construções ou reconstruções começadas nas mesmas".<sup>(8)</sup>

Onde caberia um sobrado de dois andares num beco?

~~Também~~ autoritariamente por decreto, o prefeito ameaça os moradores da Floriano Peixoto (antiga praça da Matriz) e forçosamente os obriga a alinharem a rua, que segundo Vergniaud é um verdadeiro monstrongo-ao embelezamento da cidade:

"(...) A CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, PELA SEGUINTE RESOLUÇÃO DECRETA:

Artº 1º - Os proprietários costumazes, até a presente data, à intimação do Prefeito para avançarem o alinhamento legal, os prédios sitos à rua Floriano Peixoto, tem o prazo - improrrogável de quatro meses para o fazerem sem multa.

§ 1º - Caso terminado o prazo dado não tenham os ditos proprietários iniciado os serviços de avançamento de seus prédios, fica-

(8) CÂMARA, Epaminondas. op. cit., p. 167.

rão sujeitos à multa de 50\$000, diariamente, cobradas executivamente.

§ 2º - Se, terminado o prazo das multas dado pelo Prefeito, ainda não tiveram início os serviços das remoções legisladas, fica o Prefeito autorizado, com plenos poderes, a proceder a desapropriação judicialmente, dos referidos prédios, na forma da legislação em vigor.

Art. 2º - Revogam-se as disposições em contrário". (9)

Aprovada por unanimidade esse decreto na sessão de 13 de março de 1936, é de esperar que o desespero desses moradores os levassem à revolta. O custeio do embelezamento e da construção da nova estética para a cidade de Campina Grande fica por conta do executivo, e a Câmara de novo está pronta a autorizar o Prefeito a utilizar verbas neste sentido. Diz a Lei nº 4:

"Autoriza o Prefeito do Município de Campina Grande a fazer as desapropriações necessárias ao remodelamento ou embelezamento das ruas desta cidade e manda abrir o crédito de setenta contos de réis (70.000\$000) para o custeio das mesmas". (10)

Essa verba vai ser aplicada, por exemplo, na desapropriação dos becos. Vamos encontrar na praça da Luz, entre as ruas Afonso Campos, Vidal de Negreiros e Venâncio Neiva, uma série de mocambos de taipa e telha, curiosamente chamado de Caixa de Fósforos; a travessa do Castelo, que começava na Maciel Pinheiro e terminava na praça Lauritzen, antiga rua Princesa Isabel; a travessa Lindolfo Montenegro, que começava na praça Epitácio Pessoa e terminava na praça do Algodão (hoje Marques do Herval). Todos esses -

(9) Relatório Oficial da Prefeitura.

(10) Lei nº 4, da Câmara Municipal, Arquivo do Museu Histórico de Campina Grande.

becos foram desapropriados pelo prefeito, desentortando o traçado do centro da cidade, e aproveitando é óbvio, para expulsar as populações mais pobres que os habitava para a periferia.

As fotografias evocam a cidade espalhada, as fachadas de arco, os espaços horizontais. Os morros se delineiam ao longe, o horizonte é permitido a todos os olhares: não há paredes altas ou muros de edifícios a encobrir o sol poente. Talvez essa imagem seja demasiado romantica, mas fica difícil eliminá-la de nosso pensamento. O atravancado de carros e edifícios, a poeira e o barulho que hoje faz parte do cotidiano um dia não existiam. O jogo de luz e sombra das fotografias nos revela mais humanidade no traçado da cidade. O claro e o escuro se completam na intimidade das ruas. As casas não são impessoais e assépticas, o concreto ainda não aboliu a pele e a carne das pessoas que estão lá dentro. Os corredores de luz intensa e artificial não sugeriam hospitais.

Observamos as portas altíssimas, da altura de dois homens, portas que davam acesso tanto às residências como às casas de comércio; ambos espaços se pareciam e não havia a diferenciação que hoje marca deliberadamente os locais de trabalho e os de habitação. É difícil não achar a cidade fantasma das fotos atraentes e bonita, e uma saudade-fantasma do que não se conheceu nos leva a querer penetrar nos retratos e passear pelas ruas arborizadas, conhecer os moradores dos casarões imensos, assistir uma matiné no Cine Fox.

O resgate do passado através da imagem é importante para o historiador, pois é mais uma linguagem, mais um discurso a permitir a análise e a interpretação de um fato. O olhar, que o historiador não pode relançar no tempo, é posto em ação e dessa forma outro tipo de experimento nasce da observação fotográfica.

"( ... ) A década de 1980 vem sendo marcada pela crescente valorização, no âmbito das ciências sociais, da imagem fotográfica como instrumento de pesquisa e reprodução de condições materiais. Observa-se, contudo, que tanto o atual interesse como o descaso com que anteriormente se tratava esse material - a que se conferia quando muito um

*valor ilustrativo - não parecem ter tido fundamento numa avaliação dos recursos potenciais ou dos limites da leitura da imagem". (11)*

O anexo fotográfico presente no final deste trabalho pretende fazer despertar no leitor esse sentimento de importância da linguagem e do discurso da imagem, sem pretender ser apenas ilustração. A nossa análise desse material, confessamos, foi superficial, mas mesmo assim conseguimos apreender o "clima" de toda essa monografia, e recorreremos às fotos sempre que precisávamos evocar o passado e melhor compreendê-lo. Portanto, tudo que aqui se escreveu tem parte com o discurso fotográfico e está imbuído das sensações que o olhar de volta no tempo exprimiu.

A linguagem escrita, o que foi dito sobre Vergniaud e sua administração, bem como o próprio discurso elaborado por ele e seus assessores, é o material de análise do próximo capítulo.

---

(11) LEITE, Miriam L. Moreira. *Fotografia e História*. CIÊNCIA HOJE. Rio de Janeiro. Vol. 7. nº 39, Janeiro/Fevereiro de 1988. p. 24.

"... Tudo ainda é tal e qual  
E no entanto nada igual  
Nós cantamos de verdade  
E é sempre outra cidade  
velha..."

( CAETANO VELOSO, *Os Mais Doces*  
:Bárbaros)

### CAPÍTULO III

#### QUEM TEM MEDO DO PROGRESSO: FALAS DE ELOGIO E RESISTÊNCIA

O período da história de Campina Grande que corresponde politicamente - do ponto de vista institucional - ao governo municipal de Vergnina Wanderley, está representado no imaginário local principalmente pela imagem do progresso. Essa imagem se desdobra no discurso dos autores campinenses pesquisados em expressões como "revolução urbana", "urbs moderna", "revolução material urbanística", "o milagre da brusca transformação arquitetônica", e assim por diante.

O crescimento urbano não pode se dar porém sem a destruição e substituição do que representa o passado, e não é sem violência que o presente se estabelece para garantir o futuro. Por isso mesmo as demolições e desapropriações acompanham o alargamento das ruas e a construção de edifícios mais modernos: os espaços antes vazios são preenchidos na justa medida das necessidades e interesses dos coordenadores do desenvolvimento.

Nos discursos analisados, o custo social parece ser justificado pelos "frutos" do progresso: o saneamento, a iluminação pública, o aumento das possibilidades de emprego, a maior circulação de riquezas... esses são fatores vistos pelas classes dominantes como indicativos seguros da melhoria do nível de vida e de civilidade.

A noção de civilização está centrada em realizações materiais ligadas à organização, à ordem, à limpeza, à segurança, à estabilidade e ao conforto da cidade e seus habitantes bem como aos valores morais e elas ligadas, e esta noção foi lentamente se construindo ao longo da evolução do capitalismo.

Mas a contradição inerente ao progresso - cuja existência pressupõe a retaliação do passado - a destruição para a construção, está presente no discurso das classes dominantes que, sem em parte fazer o elogio do desenvolvimento e constroem imagens positivas a cerca da modernidade, deixam escapar um certo descontentamento.

Boulanger Uchôa por exemplo, ao referir-se a Vergniaud Wanderley, cita-o como "precursor dessa revolução material urbanística", considerando-o figura destacável que está, ao lado do governador Argemiro de Figueiredo, na "origem mater do progresso de Campina Grande". Mais adiante, suas idéias saudosistas e conservadoras, católicas, diga-se de passagem, revelam a nível de discurso a contradição contida no progresso. Devido à sua ligação estreita com a religião, o que podemos constatar até mesmo no interesse com que se propôs a escrever os "Apontamentos para a História Eclesiástica de Campina Grande", Boulanger dramatiza a destruição da Igreja do Rosário e simultaneamente justifica a sua demolição:

*"A 8 de junho de 1940, Monsenhor José de Medeiros Delgado (...) entrou em entendimentos com o Prefeito Municipal desta cidade, Dr. Vergniaud Wanderley, que em obediência ao plano de urbanização atual, queria abrir e prolongar a Avenida Marechal Floriano Peixoto, tendo necessidade pública de demolir a Igreja do Rosário, que se achava na atual Praça Clementino Procópio, mas, lá em cima, em frente ao Capitólio". (1)*

Em outra passagem diz Boulanger, menos conformado com a destruição da Igreja do Rosário:

*"Acabada a Irmandade do Rosário, primeiro passo para seu aniquilamento, veio a incúria criminosa dos Párocos sucessores deixando desaparecer o seu rico patrimônio, até que a mão impiedosa do progresso exigiu, em 1940, a sua destruição completa". (2)*

(1) UCHÔA, Boulanger de Albuquerque. Subsídios para a História Eclesiástica de Campina Grande. Rio de Janeiro, 1964. p. 129.

(2) Idem, p. 76.

Dessa forma, enquanto elogia Vergniaud Wanderley e o progresso, contraditoriamente o autor considera "impiedosa" sua mão, impiedade essa que se justifica na necessidade pública. Estamos cansados de observar no discurso das classes dominantes argumentos baseados na perda de alguns, no "sacrifício que visa o bem comum". Essa é uma das falsas construções verbais que se presta com facilidade às necessidades ideológicas de dominação e controle das populações pobres e dos despossuídos, em nome de quem é dirigido o apelo, como se estas parcelas da sociedade fossem as gratificadas pelo "sacrifício" e não a "sacrificada".

O "bem comum" vem mais uma vez em socorro da burguesia construtora como forma de apoio ideológico à agressão aos sentimentos e afetos das populações. Mas essas agressões levam à revolta: o progresso mesmo recorrendo a tais estratagemas não é compreendido pelos habitantes lesados, a lógica racional e instrumental vai de encontro à lógica emocional e misticativa das massas populares, provocando um conflito entre o novo e o velho que nem sempre se resolve, contradição que possibilita a convivência dessas duas categorias num mesmo espaço, muito embora a força do novo não tarde a esmagar um passado cujas imagens a burguesia se esforça de todas as maneiras por apagar.

O racionalismo extremado, o tecnicismo e a quantificação contam até os dias de trabalho, numa apologia ao "fazer". A ética do trabalho parte mesmo do prefeito incansável, eternamente preocupado com o progresso de "sua" cidade, que não poupa esforços nem dinheiro para vê-la modernizada. Contrata técnicos, mede, contabiliza:

DIAS DE TRABALHO E DESPESAS: - No ano de 1936

- Janeiro	959
- Fevereiro	1.053
- Março	1.265,5
- Abril	1.060,5
- Maio	1.676,5
- Junho	561
- Julho	437
- Agosto	475
- Setembro	776
- Outubro	806,5
- Novembro	713

TRANSPORTADO	9.819
- Dezembro	<u>1.684</u>
TOTAL	11.503

Representam homens/dia cujo máximo houve no mes de Dezembro.  
No ano de 1937:

- Janeiro	1.590
- Fevereiro	2.009
- Março	1.434
- Abril	1.544
- Maio	1.311 ( 3)

Como foi dito, o trabalho é valorizado de acordo com a lógica da maximização da produção. Não é mais permitido como em outros tempos a madorra e a preguiça. Aquela visão de pessoas sentadas calmamente nas calçadas, pitando cigarros de palha e contando casos, herança de uma vida rural transferida aos poucos para o espaço urbano. A ausência da pressa é sentida até mesmo nos animais, que antes de serem substituídos pelo automóvel acompanhavam o relaxamento de seus donos e pastavam devagar nos fins de tarde os pedaços de grama que resistiam nas ruas sem meio fio.

A modernidade começa por eliminar esses vestígios de rudeza, de espontaneidade típicos da vida no campo, e vão desbastando e aparando as arestas daqueles habitantes que acabam por optar definitivamente pela vivência na cidade. As conversas agora são outras: em vez da consistência dos dentes do cavalo é a potência do caminhão que dá assunto, em vez de estrelas no escuro do céu quando anoitece a luz dos postes de iluminação pública, estendendo o dia: até o tempo cresce com o progresso. O ritmo da vida muda, muda o ritmo do trabalho. A cidade se transforma com velocidade; como a paisagem vista pela janela do trem, causa vertigem, impressiona, deixa pra trás tradições e hábitos.

(3) Relatório Oficial apresentado pela Prefeitura à Câmara Municipal, ref. ao período da gestão de Vergniaud Wanderley, de 1º de janeiro à 31 de dezembro de 1936.

Os novos ricos ligados ao comércio, constroem aos poucos suas tradições, se possível obras materiais que aos poucos vão traçando sua ideologia e costumes, deixando pela cidade um rastro de concreto que abriga uma nova maneira de encarar a vida. O Grande Hotel, construído na gestão Vergniaud Wanderley é totalmente diferente das antigas Casas de Rancho: não só pela arquitetura muito mais requintada, como pelas funções outras a que se prestará. A urbs moderna é hospitaleira, mas não para abrigar "gente miúda". Ela repele seus próprios habitantes para a periferia ao mesmo tempo que atrai quem interessa às classes dominantes. Derruba-se as casas populares para se construir hotéis de alto luxo:

"(...) HOTEL MUNICIPAL: - Serviço de grande vulto, como se observa pela planta e pelo aspecto que apresenta a parte já construída, temos aplicado, desde o início, nossos maiores esforços para dá-lo concluído até o fim do corrente ano ou começo de 1938. (...) Da importância dessa obra, não há mister aduzir argumento, visto ser tão presente a necessidade de um grande hotel nesta cidade, que não paga pena esforço mental para esclarecer o assunto. Vem da grande e crescente da cidade a idéia de o poder público proporcionar meios para se franquear o ingresso de visitantes ilustres, industriais, altos representantes do comércio e outras personagens gradas, que desejam estacionar, por algum tempo em Campina Grande. Sem um bom e confortável hotel, não é possível ter tal gente estranha entre campinenses que aspiram o contato com pessoas representativas da alta indústria e comércio do país e do estrangeiro, todos esses curiosos de verificar as possibilidades econômico-financeiras de nossa progressiva cidade. Elevados fins nos impulsionaram, abalando-nos o tão ousado quanto necessário cometido, quase não realiza sem sacrifícios, golpes de vontade, tudo inspirado no alto

posto em que está colocada a situação do progresso de Campina Grande".<sup>(4)</sup>

Como podemos observar nesta citação, o discurso das classes dominantes então é explicitamente desenvolvimentista, e em momento algum fica escondido seu propósito de construir esse grande hotel em nome do benefício da classe de comerciantes que necessitam manter o contato com os seus "iguais". Essa construção de tão grande "vulto", erguida pela burguesia que destrói enquanto isso os becos, desapropria moradores das ruas centrais da cidade autoritariamente, e sem o mínimo respeito interfere diretamente no espaço sagrado da propriedade privada, também vai ser causa de revolta por parte de grupos atingidos. Até hoje, a mágoa brota nas falas de antigos moradores:

~~" (...)~~ Mas o que Vergniaud fez aqui em Campina Grande - que a revolta quem sabe é quem foi vítima, quem viu e quem passou e quem sentiu - foi a Maciel Pinheiro, a Vidal de Negreiros, a Floriano Peixoto ... desapropriou... desapropriava a casa de Monsenhor Sales, o Paço Municipal!~~(...)~~ Aí tinha um que era meu cunhado que também caiu, ficaram muitos comerciantes sacrificados, prejudicados e a revolta naquele ano foi geral, quer dizer dos prejudicados. Aí então modernizou, realmente pra modernizar Campina Grande. Agora o que foi que ele modernizou na Maciel Pinheiro? Eu sou a favor do progresso, sou a favor do progresso.

Tá certo, Vergniaud queria fazer o progresso de Campina, queria modernizar Campina - Grande, modernizasse. Mas ele deixasse a Maciel Pinheiro, porque não sou só eu que sou revoltada não, porque ali era o filé de Campina Grande, ali, já lhe contei não vou repetir. Porque ali era tudo, todo o

---

(4). *Idem.*

*movimento de Campina Grande".<sup>(5)</sup>*

A reforma portanto, principalmente na Maciel Pinheiro, atingiu diretamente as famílias poderosas de Campina Grande, ligadas à oligarquia agrária:

*" (...) Então, na rua Maciel Pinheiro, as principais famílias de Campina Grande - residiam ali, inclusive meus pais. Porque meus pais eram fazendeiros mas tinham residência na Maciel Pinheiro.*

*(...) Agora tinha também outras famílias: a família do Ó, tinha a família Sodré, a família de Gasparino Rabelo, tinha a família Barreto e a família Vieira da Rocha (...) a família dos Trigueiros - que era a família mais antiga daquela rua - , a família Saldanha, a família de Oliveira, Seu Oliveira que era pai de Olivedos Oliveira ... Pois bem, essas famílias tradicionais de Campina Grande tinham casas belíssimas e que eram todas no alinhamento, sabe? Não eram assim separadas não, eram conjugadas, eram construções maravilhosas".<sup>(6)</sup>*

Nesta citação é possível perceber claramente a revolta dos antigos poderosos da cidade contra as reformas do prefeito Vergniaud. As famílias tradicionais, que mandavam e desmandavam na rua Maciel Pinheiro fazem parte do grupo dominante diretamente atingido pelas transformações arquitetônicas e urbanas, que reformulavam as calçadas construídas "carinhosamente" pelas famílias e que imprimiam um toque personalíssimo às habitações. A reformulação da fachada dos imóveis, o fato de seus proprietários terem que os remodelar "sem querer", é um duro golpe que os atinge como se fosse

(5) Entrevista concedida à autora por Esmeraldina Agra (Dna. Passinha), em 22 de setembro de 1988.

(6) Idem.

literalmente em suas próprias faces: afinal a fachada da casa onde se mora reflete um pouco nosso rosto.

Economicamente, levando em conta os preceitos básicos do capitalismo - lucro e acumulação - a reforma arquitetônica da cidade trouxe também um aumento da valorização dos imóveis. É óbvio que esse fator não passou despercebido ao engenheiro Lourival de Andrade, encarregado de elaborar o relatório referente à administração Vergniaud Wanderley, e é óbvio também que a mania de quantificação está presente na avaliação da valorização dos bairros:

"(...) VALORIZAÇÃO DE ÁREAS POR CONSTRUÇÃO: - No ano de 1936, observamos o seguinte por metro quadrado:

Bairro de Bodocongô	300 réis por mts quadrados
Bairro da Prata	1.000 réis por mts quadrados
Bairro de Monte Santo	450 réis por mts quadrados
Seridô	300 réis por mts quadrados
Centro	5.000 réis por mts quadrados
Santo Antônio	300 réis por mts quadrados
Açude Velho	1.600 réis por mts quadrados
Guia	300 réis por mts quadrados (7)

Diferentemente do "espírito" burguês, tanto as populações pobres como as classes dominantes tradicionais não vêm em suas residências uma mercadoria passível de ser comprada ou vendida: o lar serve para abrigar a família, para dar conforto e segurança, para abrigar as gerações através dos tempos. Para as populações pobres a casa é um bem sagrado, conseguido - quando conseguido - a custa de esforços inumeráveis, do qual são se desfazem à força. Essa contradição entre o valor de uso e o valor de troca também é motor da revolta contra as desapropriações, que como já dissemos em capítulo anterior vai inclusive contra a lógica capitalista que defende acima de tudo o direito da propriedade privada.

(7) Relatório oficial apresentado à Câmara Municipal, referente ao período da gestão de Vergniaud Wanderley, de 1º de janeiro à 31 de dezembro de 1936. Arquivo do Museu Histórico Municipal de Campina Grande.

X Um outro aspecto, ainda infocado por nós, das reformas urbanas e modernizantes de Vergniaud Wanderley, é que além da limpeza do espaço físico e da remoção de todos os detritos que sugem a imagem da cidade, também os indivíduos incômodos têm que serem afastados e escondidos: assim nas penitenciárias são construídas e é inaugurado o Hospital de Isolamento São Sebastião, no bairro do Moita. (8) Loucos, criminosos ou apenas indigentes são deportados da urbs como nos prova essa passagem quase inacreditável do relatório de Lourival de Andrade:

"(...) PASSAGENS A INDIGENTES: - Esta administração constantemente, em casos de necessidade, não se tem eximido do prover o transporte por via férrea, de indigentes, doentes, loucos, e **vários outros** (grifo meu) que, em tempo de crise, precisam de procurar trabalho em outras localidades". (9)

E assim como a água leva através dos esgotos as excrescências físicas inumanas, os tipos humanos que incomodam as classes dominantes são levados velozmente pelo trem para destino ignorado. O discurso acima transcrito onde não podemos deixar de ver uma dose de cinismo transparente é um viés das falas dominantes: há os discursos que descrevem o que é feito e aqueles que elogiam o executado. É necessário que vozes se elevem avaliando a política de reformas e planejamento de modo que seja provada a eficácia dessas estratégias, e nada melhor que a crônica jornalística para o fazer, dado a força de penetração dos órgãos de comunicação de massa, a cuja pressão é sempre difícil resistir. Sob o título de "Panorama de uma administração exemplar", vamos encontrar, escrito por J. Fernandes Dantas, o seguinte artigo:

"Quem quer que se detenha por algum momento a contemplar as realizações de ordem pública do Prefeito Vergniaud Wanderley em Campina Grande, não deixará de exprimir os

(8) CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. João Pessoa, Departamento de Publicidade, 1947. p. 185

(9) *Relatório Oficial apresentado à Câmara Municipal, ref. ao período da gestão Vergniaud/Wanderley, de 1º de janeiro à 31 de dezembro de 1936*. Arquivo do Museu Histórico Municipal de Campina Grande.

seus aplausos a esse dinâmico administra -  
dor. Desde a sua primeira investidura no go -  
verno municipal desta cidade que podemos a -  
preciar seu senso de realizador, de perfeito  
**conducteur** dos destinos de uma comunidade ma -  
**ximé** do porte de Campina Grande. E embora  
curta a sua primeira permanência, na égide -  
do município, no entanto, os seus bons propô -  
sitos de servir a terra que o viu nascer, fi -  
caram patenteados através dos melhoramentos -  
com que dotou a cidade: o serviço telefônico,  
igual aos dos maiores centros, o Grande Hotel  
em arcabouço, pois não houvera tempo para con -  
cluir; a Penitenciária, construída primeira -  
mente sob a inspiração de Matadouro; praça -  
João Pessoa em frente ao Campinense Clube e  
extensão do calçamento por várias ruas.

Voltando em 22 de agosto de 1940 à chefia dos  
destinos da municipalidade, desde então ence -  
tou novos rumos à vida administrativa de  
sua comuna, procurando emprestar um novo as -  
pecto à cidade que progride e se desenvolve ,  
sob o impulso do comércio e da indústria - fa -  
tores preponderantes de riqueza e esforço em -  
preendedor dos que comungam nesta colmeia de  
atividades. E o martelo de seus operários vai  
removendo aos poucos os alicerces das antigas  
habitações de centro da **urbs**. Novas avenidas  
são rasgadas ou alinhadas, como a Marechal -  
Floriano e a Getúlio Vargas, assim como as  
ruas Maciel Pinheiro e Venâncio Neiva, esta  
última ficando em alinhamento com a Vidal de  
Negreiros, dando possibilidades à construção  
de novos prédios para comércio ou residências,  
dentro da estética moderna. No plano de edifi -  
cações temos o Grande Hotel, espelho da cida -  
de, que não possuía sede própria, a Recebedo -  
ria de Rendas com a Repartição do Saneamento  
construída em cooperação com o Estado. Quase  
todas as ruas e avenidas tem recebido pavimen

tação nova sob a base de cimento e concreto, notadamente as Avenidas Getúlio Vargas e Marechal Floriano, Ruas João da Mata, Vidal de Negreiros, João Pessoa, Barão do Abaí (Lapa), Afonso Campos, Maciel Pinheiro, Rui Barbosa, José Bonifácio, 13 de Maio, etc. É de sua cogitação o empreendimento de uma grande praça, abrangendo todo o quadro, desde o Cine Capitólio ao Largo da Luz, transferindo aquela casa de diversões para outro local. Além dessa praça o prefeito Vergniaud pretende retirar os Correios e Telégrafos da sua atual posição, afim de tornar aquele largo mais elegante à vista pública destinando um ponto para aquele próprio federal, na avenida Marechal Floriano, cujo terreno já cedeu a União. A barragem do Açude Velho está sendo convenientemente resguardada a fim de ser adaptada a um recanto de atração, para os domingos, além de poder oferecer um cunho de aformoseamento à Cidade. A verdade é que, diariamente, em vários pontos da cidade, encontramos turmas de trabalhadores na execução de serviços mandados realizar pelo Prefeito Vergniaud.

São, com todos esses acervos de realizações, com que podemos proclamar o espírito de devotamento e de incansável lidador, que tem presidido os firmes intentos do Prefeito Vergniaud Wanderley de servir ao torrão natal".<sup>(10)</sup>

Achamos por bem transcrever inteiramente este artigo pois vemos nele um resumo de como uma parte da sociedade campinense encarava a administração Vergniaud. Todas as intenções do prefeito ficam claras neste texto de jornal: remover os alicerces das antigas habitações através dos martelos de seus operários, rasgar e alinhar as avenidas, construir hotéis

<sup>(10)</sup> O REBATE. Campina Grande, 04 de Outubro de 1944, nº 542, ano XII. 3ª seção, pp. 06-07.

para ricos e penitenciárias para pobres, deixar suas marcas por toda a cidade, refazê-la de forma a que nunca mais se esqueça quem foi Vergniaud/Wanderley, o "realizador", o "líder", o milagreiro do progresso... também neste artigo ficam claríssimas as suas ligações umbilicais com a classe dos comerciantes e dos industriais.

No imaginário de alguns grupos o prefeito Vergniaud porém, com uma rápida entrada no camarim, reaparece não mais em vestes de santo milagroso, e sim ostentando cauda e chifres de diabo, o próprio demônio, ateu como convém aos inimigos de Deus, impiedoso, cruel, destituído de qualquer sentimento humano. Nos diz uma entrevistada a esse respeito:

*"(...) Ele (Vergniaud), cansou de dizer - a última entrevista quando ele teve aqui em Campina Grande - ele disse que venceu na vida porque era ateu. Ele era ateu: ele não tinha pena de ninguém. A mãe dele era religiosíssima, não é? o pai dele era católico praticante, mas ele era ateu! E ele disse: "Eu venci na vida sem precisar de Deus. Eu cá e ele lá". Vergniaud era ateu. E venceu mesmo na vida!". (11)*

No imaginário dos revoltados Vergniaud é a encarnação do mal, da destruição, a verdadeira besta-fera, que veio ao mundo sem que ninguém, saiba porque, nem mesmo suas origens explicam um comportamento tão cruel: nem seu pai nem sua mãe lhes deram essa "formação". A revolta contra ele (Vergniaud) como já foi dito, o fato de muitos habitantes não gostarem realmente de sua pessoa, está ligado à decadência econômica dos moradores lesados: quem era rico e respeitado de repente se vê sem forças para ir contra os decretos do prefeito e têm que ceder aos seus caprichos de modernidade. Calados ou não, um ódio contra a nova cidade que ele tentava erguer crescia em consonância - com o desenvolvimento, e quando o amor pela cidade era tão grande que não conseguiram nem mesmo odiar sua nova imagem, essa revolta se voltava para a pessoa do prefeito.

Campina Grande nunca mais seria a mesma: grande parte de sua história arquitetônica desapareceu por baixo do manto de concreto que Vergniaud -

(11) Entrevista concedida à autora por Esmeraldina Aguiar (Dna. Passinha), C. Grande, 22 de setembro de 1988.

lançou, principalmente sobre o centro da cidade. Por outro lado muita gente ficou sem ter onde morar, foi deslocado para a periferia, perdeu seus "negócios", seus "pontos" comerciais, seu status.

Como os prejudicados eram muitos também eram muitos os interessados, e assim, vencendo pelo cansaço e pela força - sem a ajuda de Deus - Vergniaud conseguiu dar a Campina Grande suas feições burguesas.

*"O* prefeito Vergniaud incentivou a construção de sobrados nas ruas comerciais da cidade, e todo seu esforço, de modo particular, derivou-se para a "carioquização" da *urbs*, não obstante os embaraços a que teve que enfrentar, oriundos das próprias condições ambientes e da incompreensão do povo. A partir de 1942, porém, a população coadjuvou-o no que foi possível e a cidade realizou o milagre - de uma brusca transformação arquitetônica". (12)

Foram anos de reformulações, de carradas de terra em circulação pelas ruas, de pedras acumuladas em frente as casas, de ruínas e novos prédios surgindo diariamente, e talvez o povo aos poucos fosse aceitando tantas mudanças. No entanto acreditamos que sempre houve e vai haver resistência a um progresso que desrespeita a sensibilidade humana, e justamente por acreditarmos nisso nos foi possível concluir este trabalho.

Edifícios de concreto para emparedar pessoas, pequenos túmulos - onde precocemente nos enterramos procurando resguardar um individualismo estéril; concreto, máquinas e energia nuclear. Me perdoem os amantes da pressa e do ar impuro, os metropolitanos inveterados, mas o século do aço e do concreto precisa ser reinventado.

(12) CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. João Pessoa, Departamento de Publicidade, 1947, p. 227.

"... Os fatos são sonoros. Mas entre os fatos há um sussuro. É o sussuro que me impressiona..."

(CLARICE LISPECTOR)

## CONCLUSÃO

*Forcamente concebido  
de história.*

Estas conclusões não pretendem estabelecer verdades definitivas, pois a priori acreditamos que a história é o mosaico de visões que se pode tecer sobre os fatos, não havendo uma única verdade absoluta,

A conclusão mais geral a que chegamos é que a classe burguesa em plena ascensão construía para si tradições e riquezas, se afirmava no momento mesmo em que as oligarquias agrárias decaíam. Na luta cotidiana entre as classes populares e as classes dirigentes estava em jogo as culturas desses grupos e no país como um todo, o capitalismo se cimentava tentando uniformizar os comportamentos sociais. Autoritariamente os poderosos (políticos, industriais, comerciantes, empresários, grandes proprietários de terra) impunham a eliminação das regionalizações procurando criar uma "nação" forte, capaz de se sobressair no mercado mundial em expansão. O controle das massas e a abolição de suas particularidades se dava então em todos os níveis, e o espaço urbano, já que a cidade se torna cada vez mais o centro das decisões e do poder, foi alvo privilegiado de dominação.

*classes dominantes*

O prefeito Vergniaud Wanderley como dignatário da burguesia realizou plenamente o papel de modernizador que lhe cabia, representando com força e competência as funções de administrador e propagador do progresso. O planejamento e a utilização da técnica e do cientificismo positivista foram aliados poderosos do administrador que de posse desses saberes podia muito mais à vontade controlar as variáveis do desenvolvimento urbano.

Não interessava ao executivo de municipalidade o que deveria acontecer às classes populares: se seriam desapropriadas, removidas, escanteadas. O que interessava era a todo custo, "a golpes de vontade", imprimir à cidade a imagem de urbs moderna, equipada para o crescimento e para o futuro. As massas no caso, seriam no máximo um obstáculo a ser superado. No entanto, e infelizmente não aprofundamos este aspecto nesta monografia, a resistência das populações persiste até hoje nas falas inconformadas de antigos habitantes.

*estruturas  
históricas  
duar X espaço*

No primeiro capítulo esperamos ter deixado clara a contradição entre

a destruição e a construção, entre o conservadorismo e o progresso. Tentamos também nesse primeiro momento explicar como a atuação autoritária na política pode interferir no cotidiano dos habitantes de uma cidade, transformando suas vidas baseando-se apenas na certeza narcísista de que detém o poder, o saber, a verdade.

No segundo capítulo desenvolvemos a idéia de que a nova ordem burguesa tenta imprimir frieza e distância nas relações dos pequenos grupos sociais, desestabilizando-os e destruindo a união entre eles próprio e entre eles e o espaço que habitam. Essa separação, no nosso entender é imprescindível para o controle do espaço urbano e seu melhor aproveitamento no sentido de capitalizá-lo: o espaço também é mercadoria.

O terceiro capítulo, que fala da resistência à modernização e às transformações bruscas impostas aos habitantes da cidade, tenta trazer o discurso desenvolvimentista de volta aos seus interesses classistas que ele próprio é encarregado de mascarar. Em nome do bem comum se enchem os cemitérios e as favelas: com o povo, para o povo e pelo povo. Essas falas tão bem arquitetadas têm sua força e seu poder de introjeção, mas a mistificação contida nos discursos envolventes das classes dominantes é passível de erros, e um contra-discurso inevitavelmente vem a ele se contrapor. Esperamos que esse texto tenha essa condição, e que mais do que está escrito possa ainda mais se procurar nas entrelinhas. Muito do que não foi dito, do que não conseguimos formular em palavras, permanece entre as páginas, como um sussuro...

## BIBLIOGRAFIA

### FONTES PRIMÁRIAS:

- . Relatório Oficial da Prefeitura à Câmara Municipal, elaborado pelo engenheiro Lourival de Andrade, referente ao primeiro período da gestão - Vergniaud Wanderley, que vai do período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1936. Arquivo do Museu Histórico Municipal de Campina Grande.

### FONTES SECUNDÁRIAS:

- . ALMEIDA, Elpidio de. História de Campina Grande. Livraria Pedrosa, Campina Grande, PB, 1964.
- . ARANTES, Antônio Augusto (org.). Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural.
- . BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. São Paulo, Cultrix, 1971.
- . CÂMARA, Epaminondas. Datas Campinenses. Departamento de Publicidade, João Pessoa, 1974.
- . CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- . FILHO, Nestor Goulart Reis. Evolução Urbana do Brasil. São Paulo, Pioneira, 1968.
- . HARDMAN, Francisco Foot. Trem Fantasma: A Modernidade na Selva. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- . KOWARICK, Lúcio (org.). As Lutas Sociais e a Sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- . LAFER, Betty Mindlin. Planejamento no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- . LEMOS, Carlos A.C. Arquitetura Brasileira. São Paulo, Melhoramentos, 1979.

- . MORAES, Antonio Pereira de. Vi, Ouvi e Senti. Campina Grande, s/ed. , 1985.
- . MOREIRA, Ruy. Geografia: Teoria e Crítica. Petrópolis, Vozes, 1982.
- . RAGO, Luzia Margareth. Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- . ROLNIK, Raquel. O que é Cidade. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- . SANTOS, Milton. A Urbanização Desigual. Petrópolis, Vozes, 1982.
- . SCRUTON, Roger. Estética da Arquitetura. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- . SODRÉ, Muniz. Televisão e Psicanálise. São Paulo, Ática, 1987.
- . SYLVESTRE, Josué. Lutas de Vida e de Morte. Brasília, Senado Federal, 1982.
- . UCHÔA, Boulanger de Albuquerque. Subsídios para a História Eclesiástica de Campina Grande. Rio de Janeiro, 1964.
- . ZEVI, Bruno. Saber Ver a Arquitetura. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

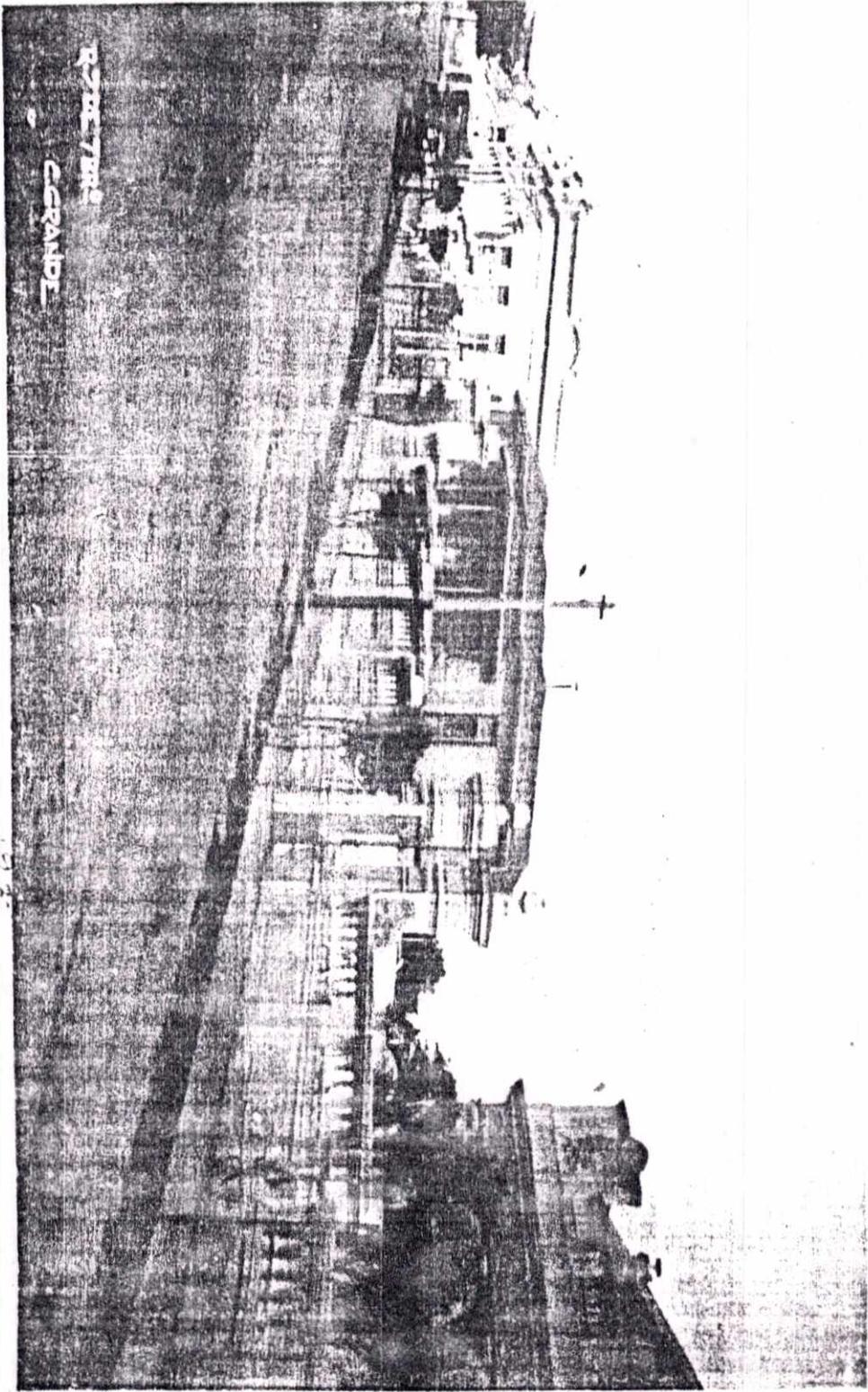
#### PERIÓDICOS:

- . O REBATE. Campina Grande. Nº 218, Ano V, 16 de janeiro de 1937.
- . O REBATE. Campina Grande, Nº 230, ano V, 17 de abril de 1937.
- . O REBATE. Campina Grande, Nº 231, Ano V, 25 de abril de 1937.
- . O REBATE. Campina Grande, Nº 509, Ano XII, 04 de Outubro de 1943.

A N E X O S

SEIKO 8-930

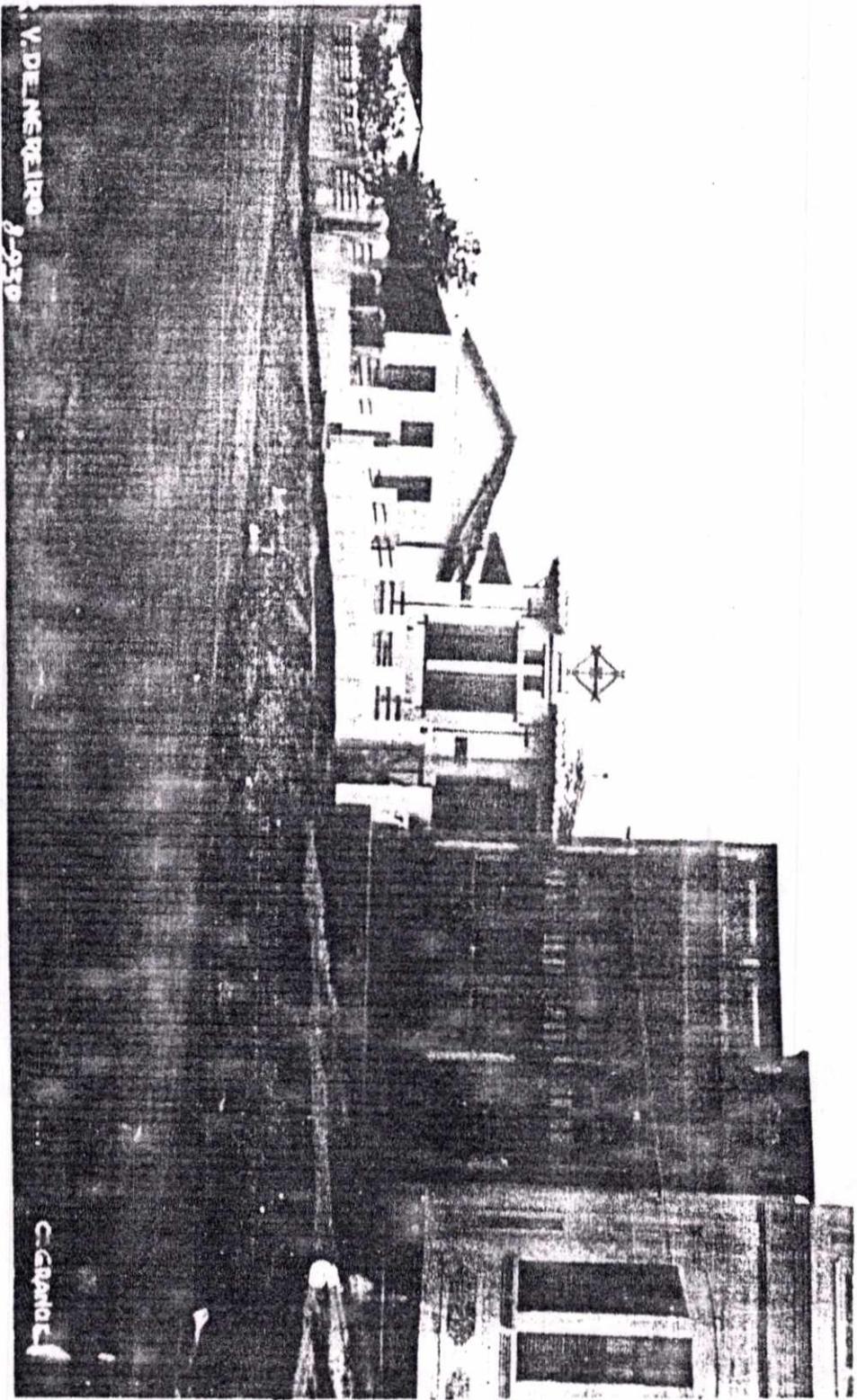
C GRAND



RIVERVIEW

C GRAND

1931



V. DE NEBELHO

8-958

C. SPANIO

Comité  
Armas  
- 1911  
- 1915  
- 1918



Noite dos Gri

De uma morte  
al a noite do ho

Não fosse a

que as gar ças  
de vilhão deus

de

mas com elas a  
vibão do Ho  
em que um  
vez ostentou o

professor

naquele tempo, mas a  
moça namor

deu, e a sua  
melhor amiga

deu a mão  
deu a mão

deu a mão

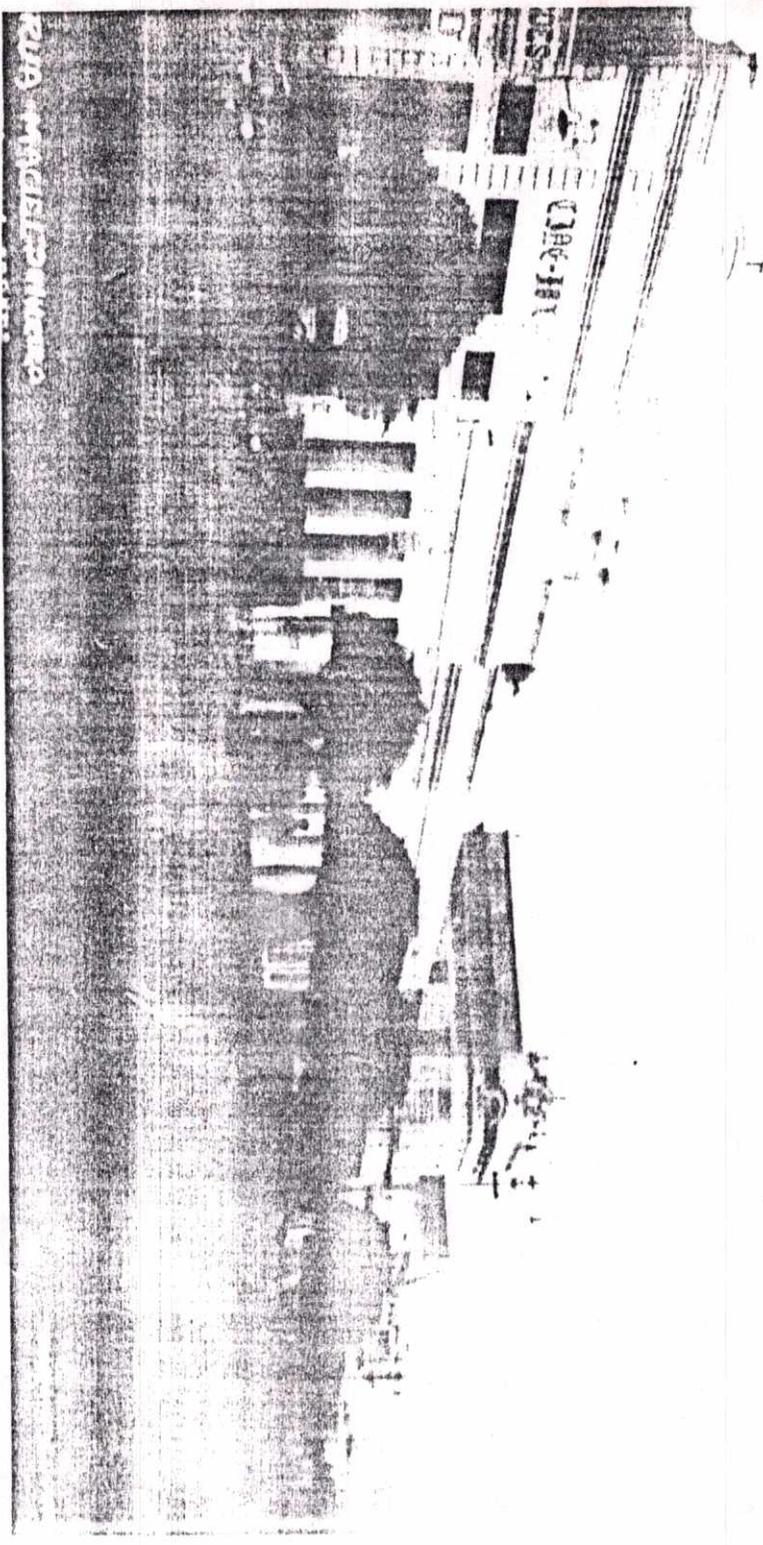
deu a mão

deu a mão

deu a mão

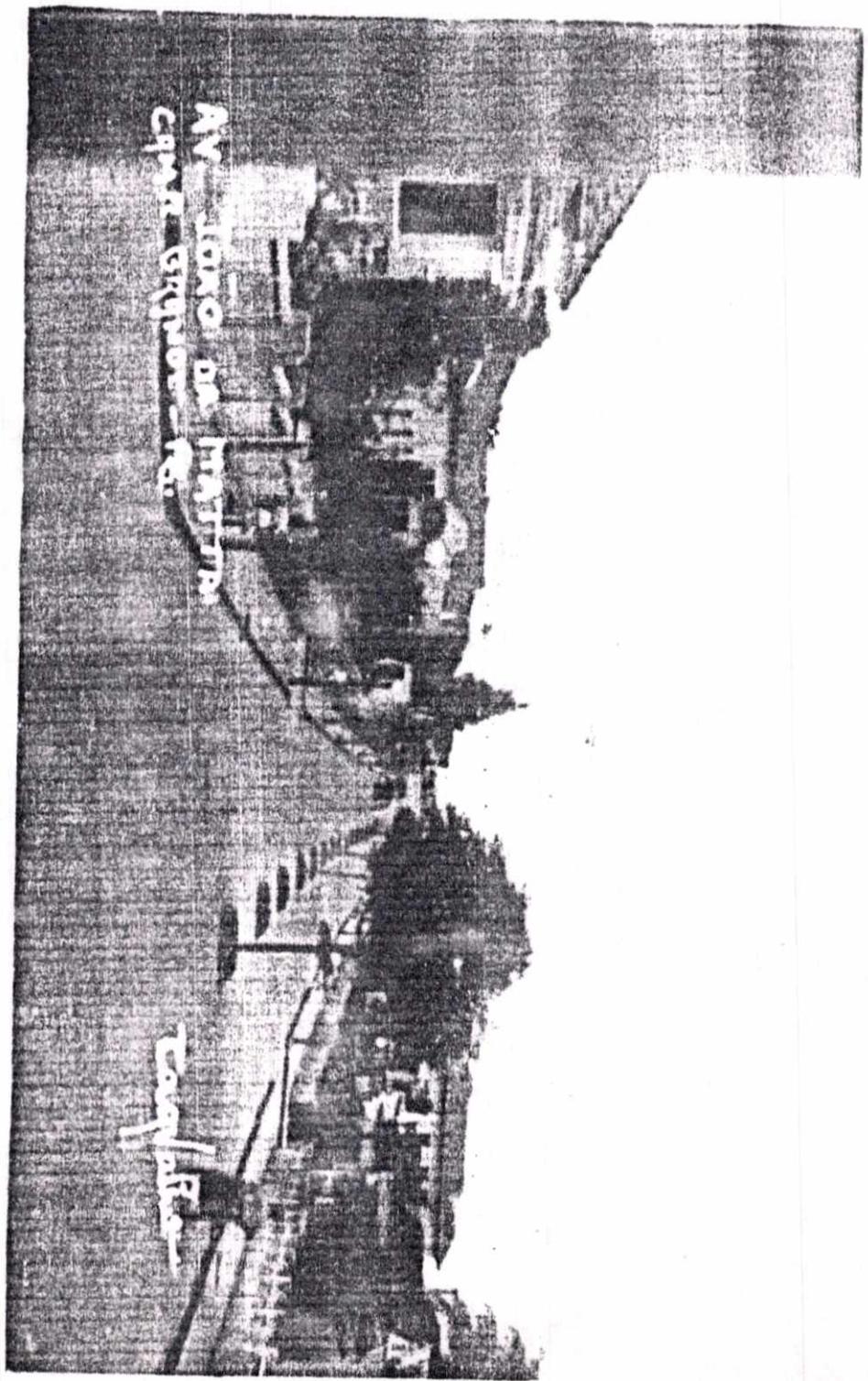
deu a mão

deu a mão



RUA J. PESSADA (CARIAS)  
CAMARAJÉ, PARÁ

PARÁHURUPA



AV. JONÓ DA MATA  
CAMPUS GIGUORÉ

PARÁHURUPA



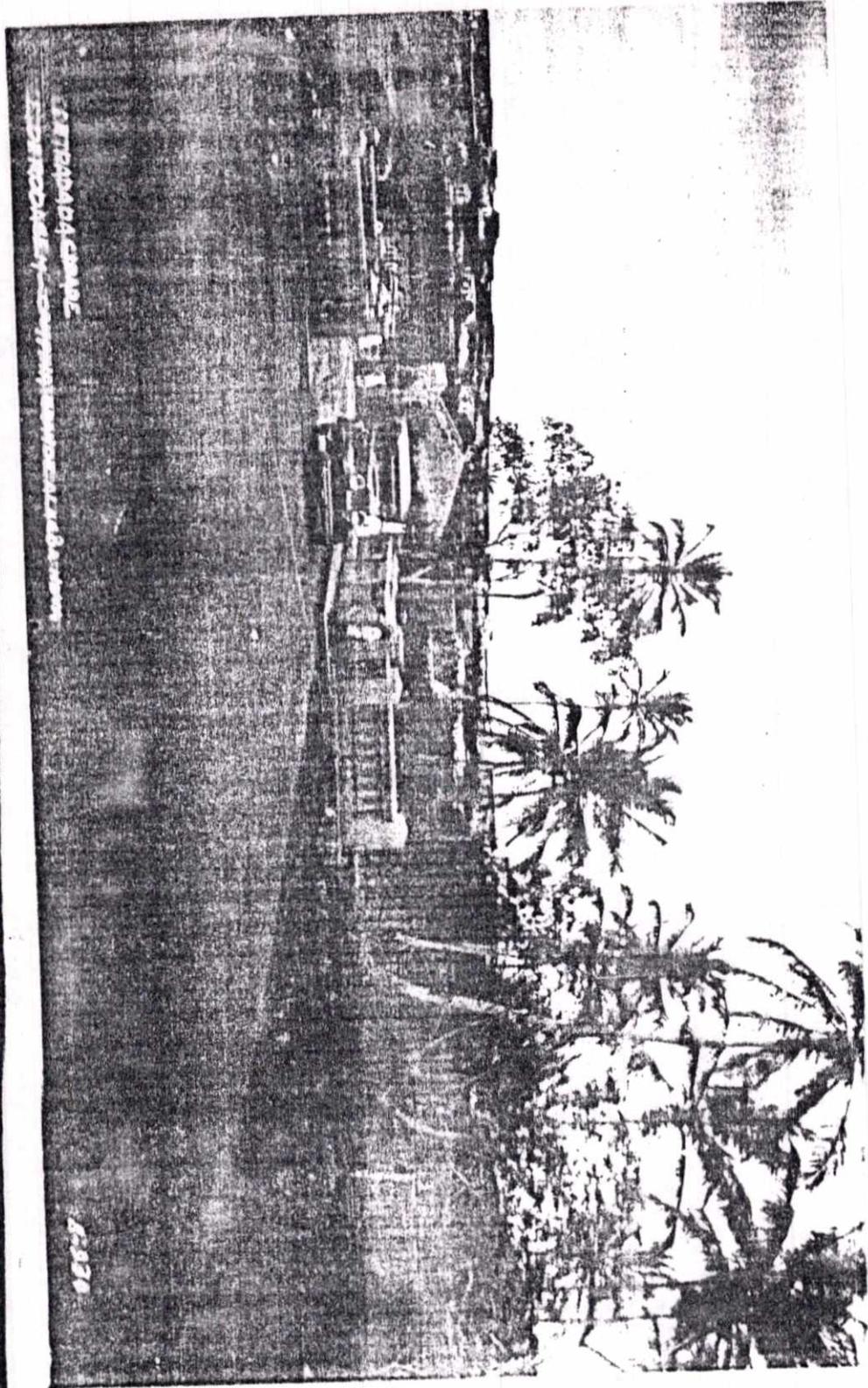
AV. LINDO DE LINDO  
CART. GERMANY - 1951

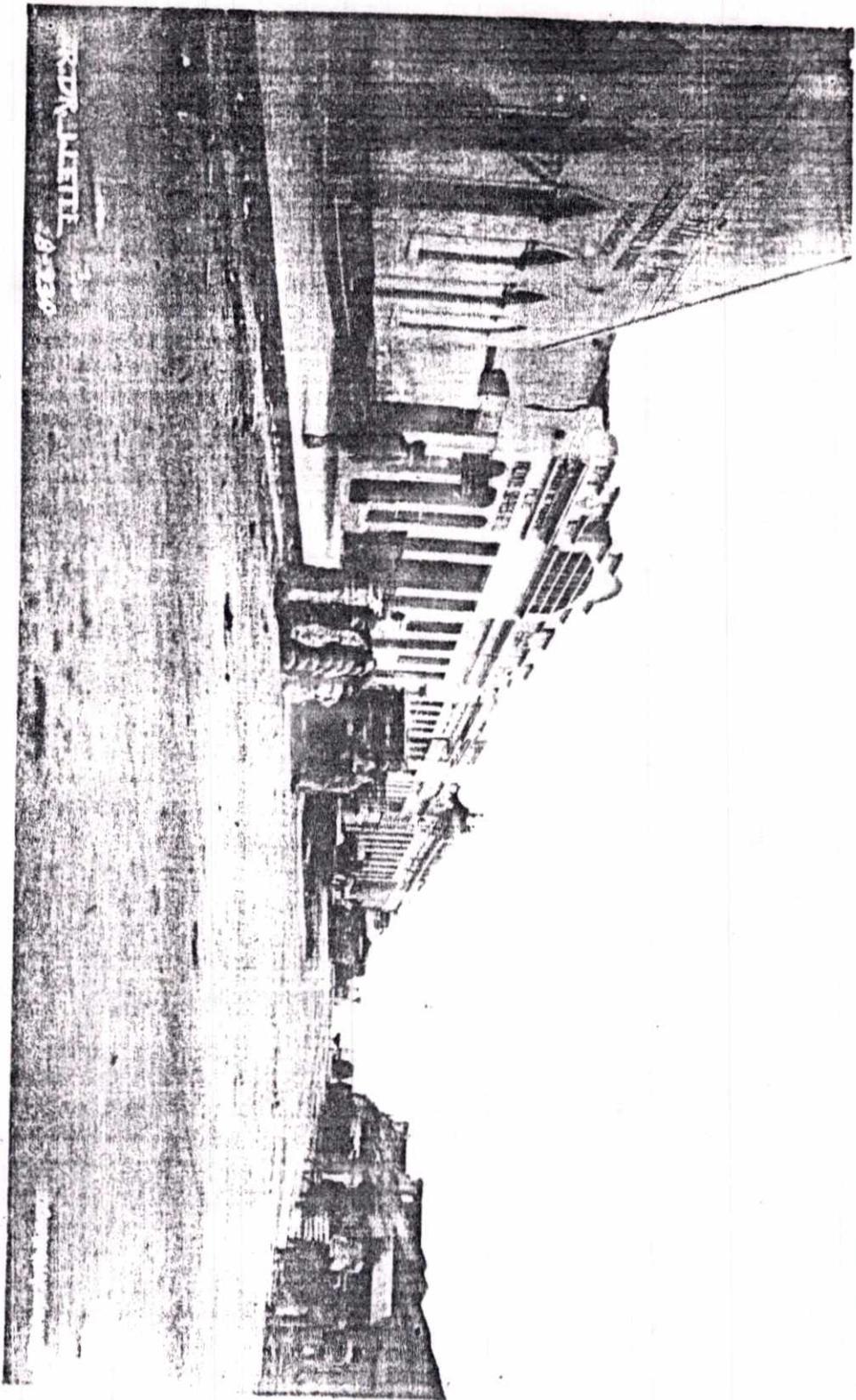
1951/1/15



ESTADOS UNIDOS  
DE AMERICA

1951

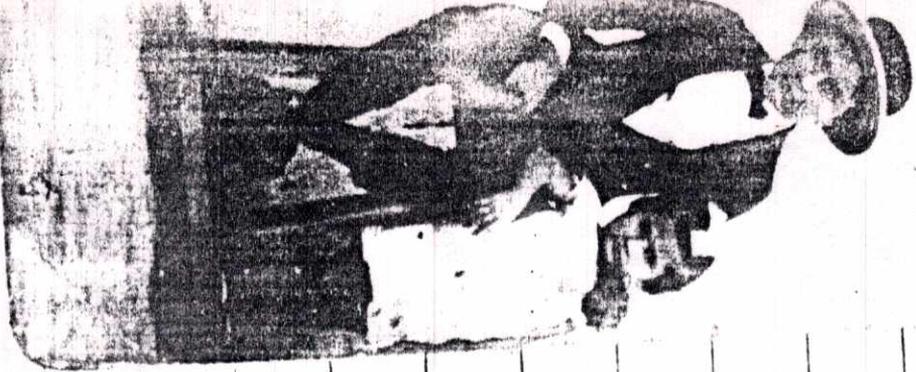
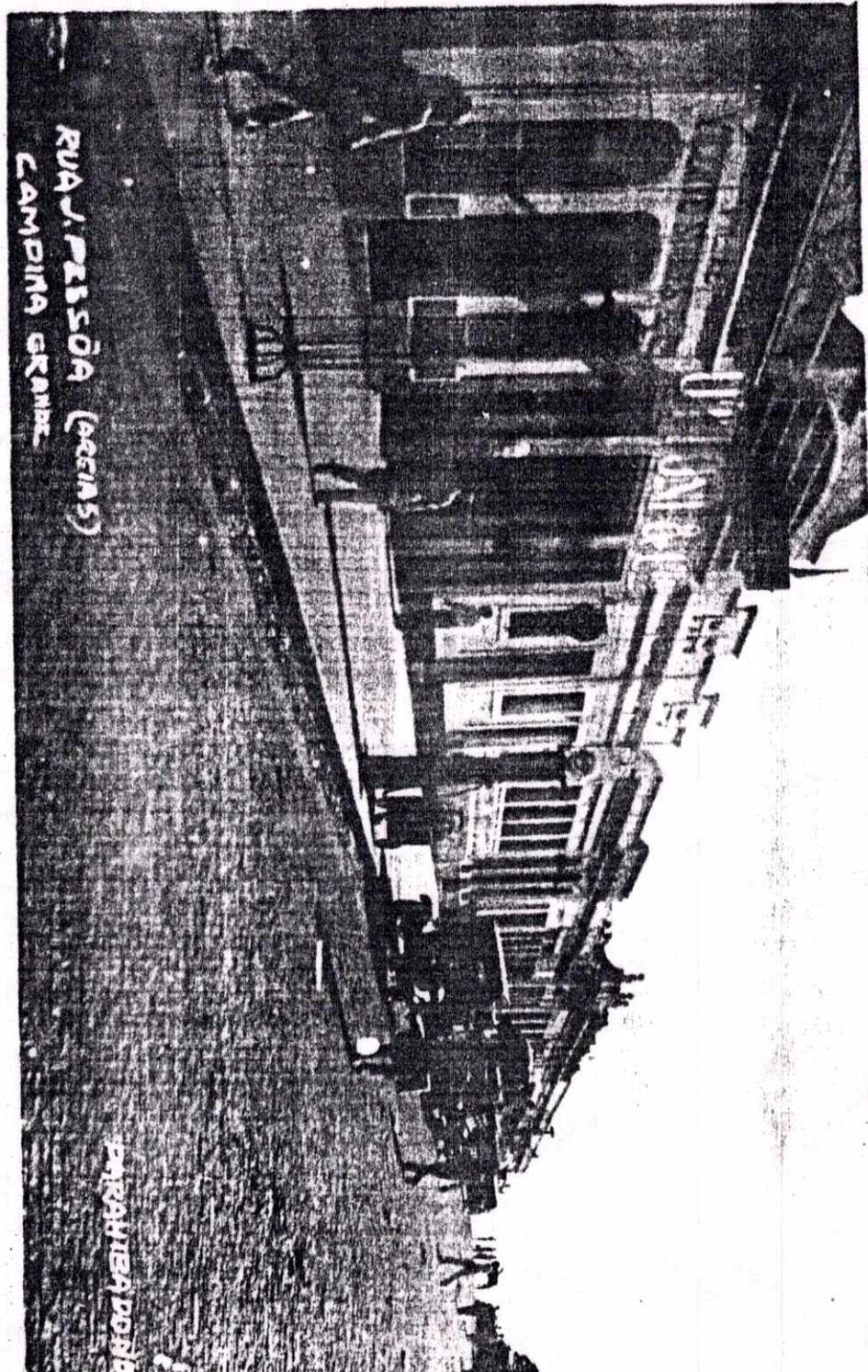


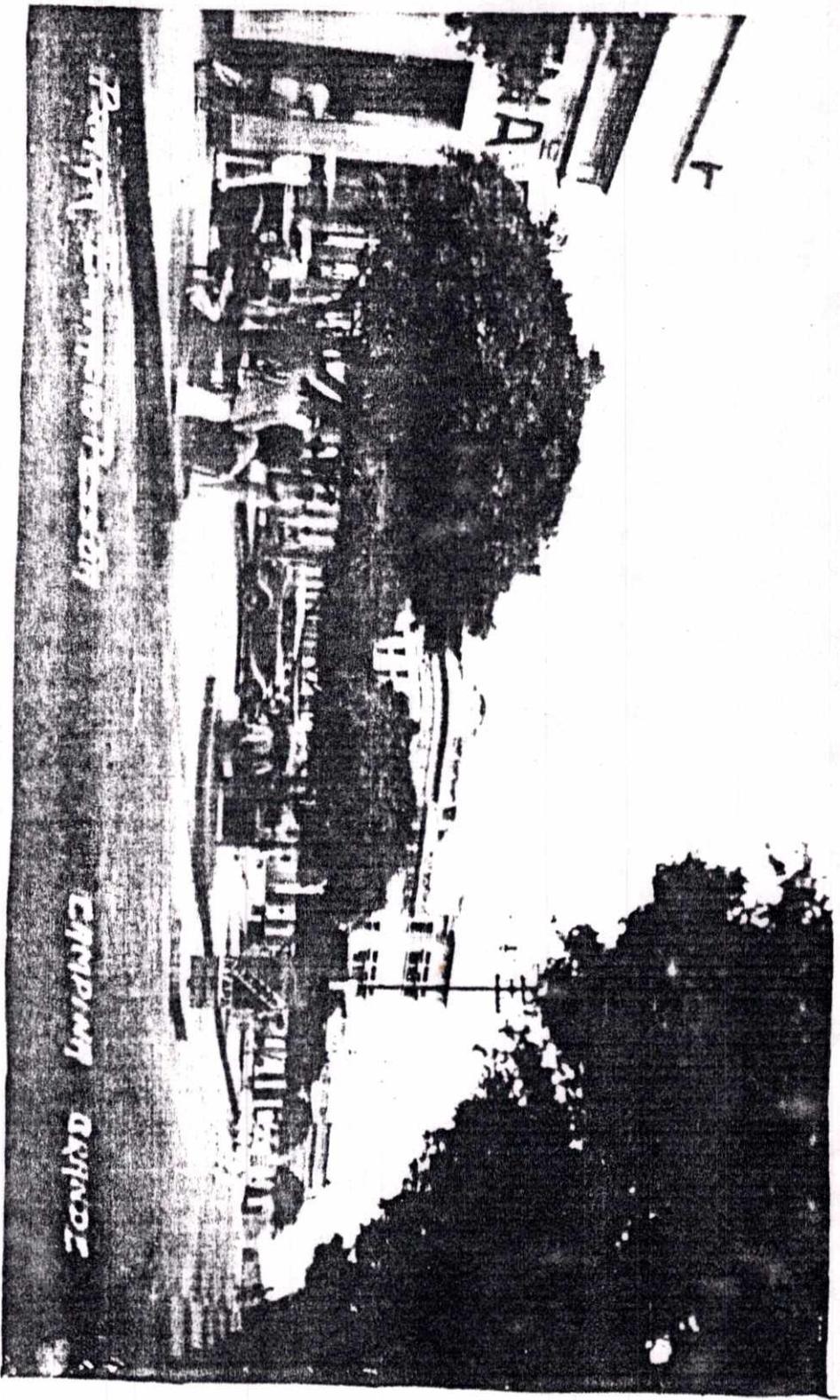


RODRIGUEZ  
8-930

8-930  
R. SANCHEZ VILLA  
C. GRANDE

Guardancho e Passado





Parish of St. Michael's

EMPIRE DEPOT

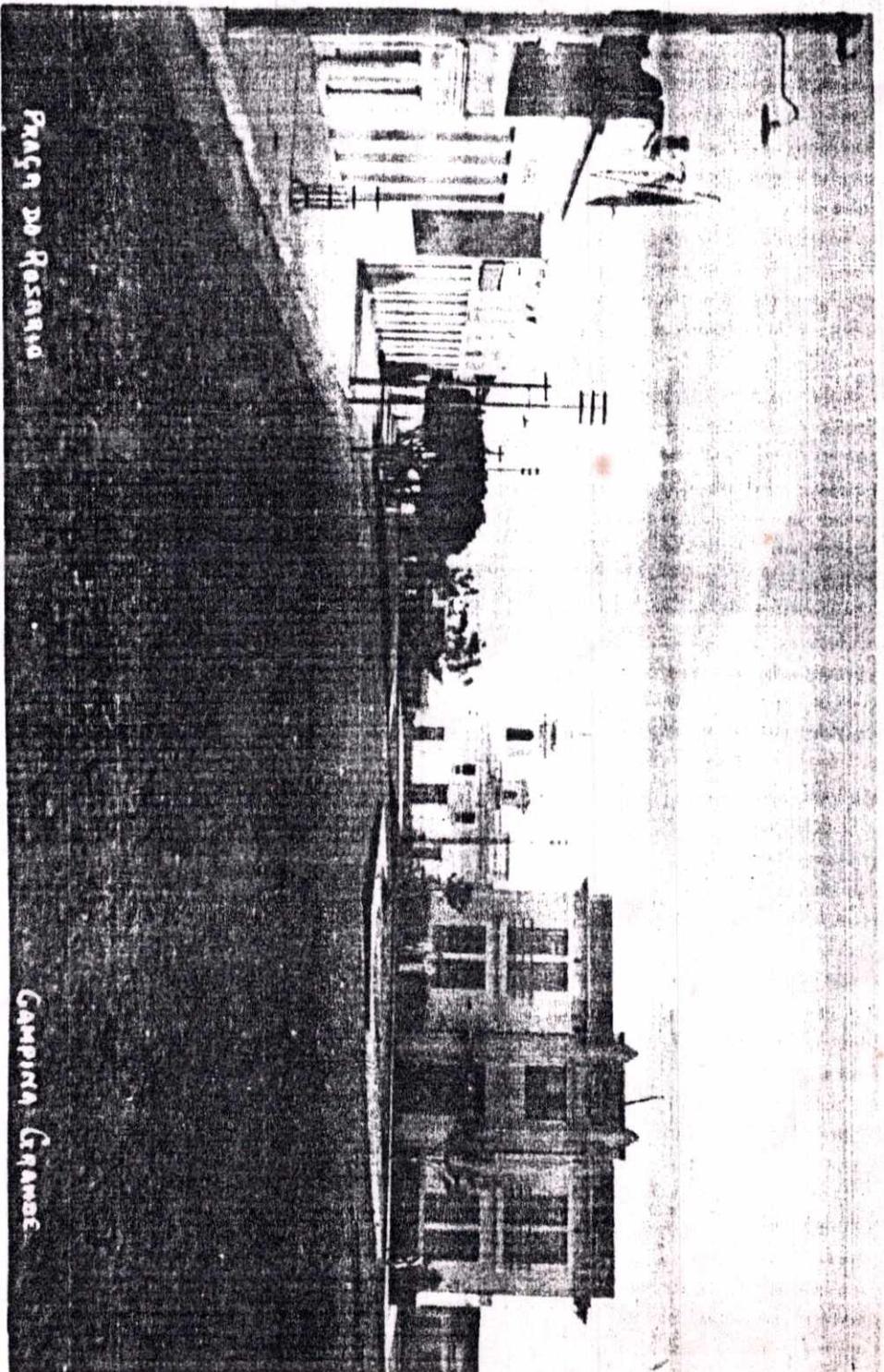
BOAS FESTIAS



FELIZ ANO NOVO

2010

Combinar Grande  
na Sandberg  
de anos novos.

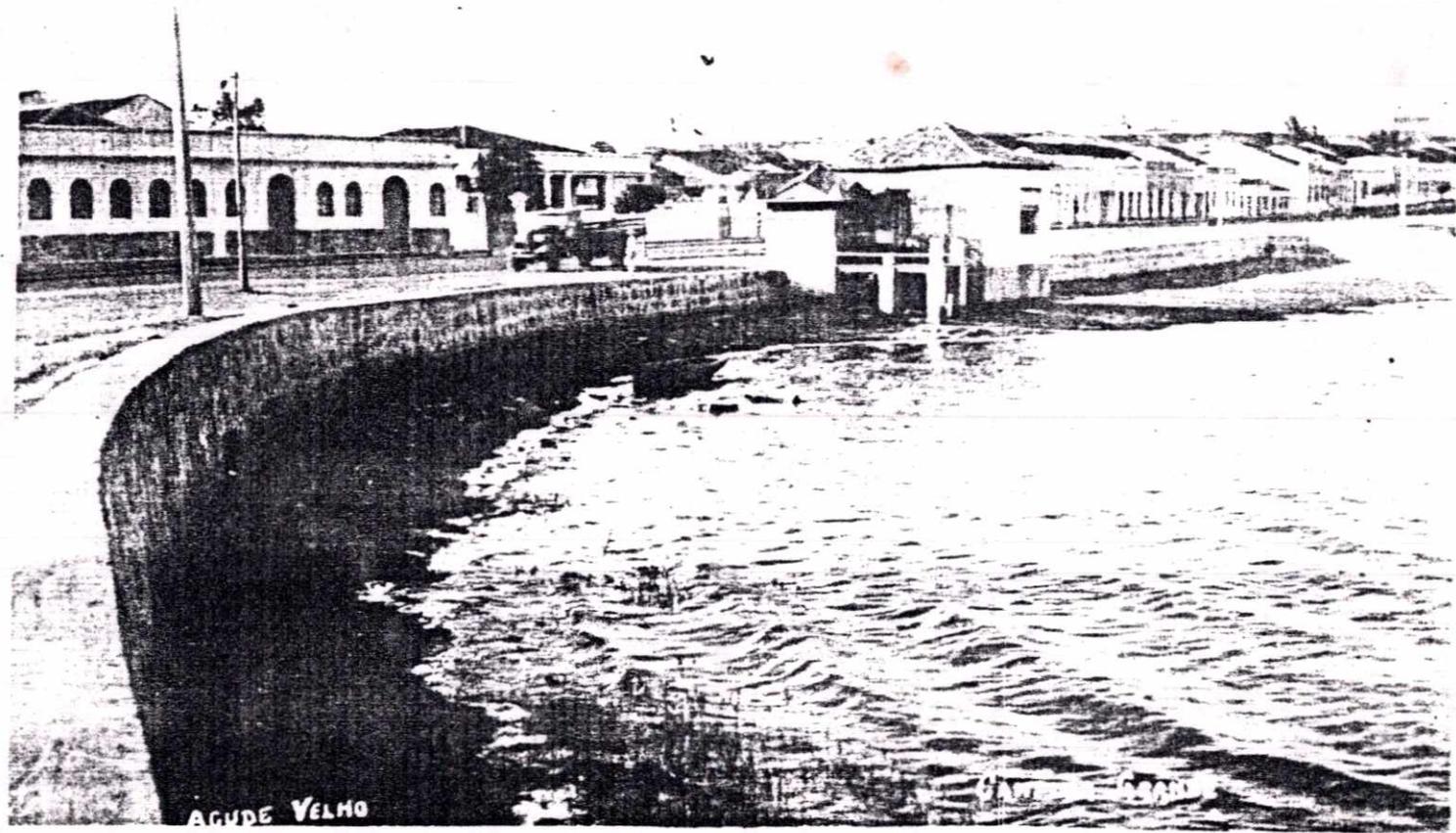


Praça do Reserua

Campina Grande

RUA MACIEL DI HERO

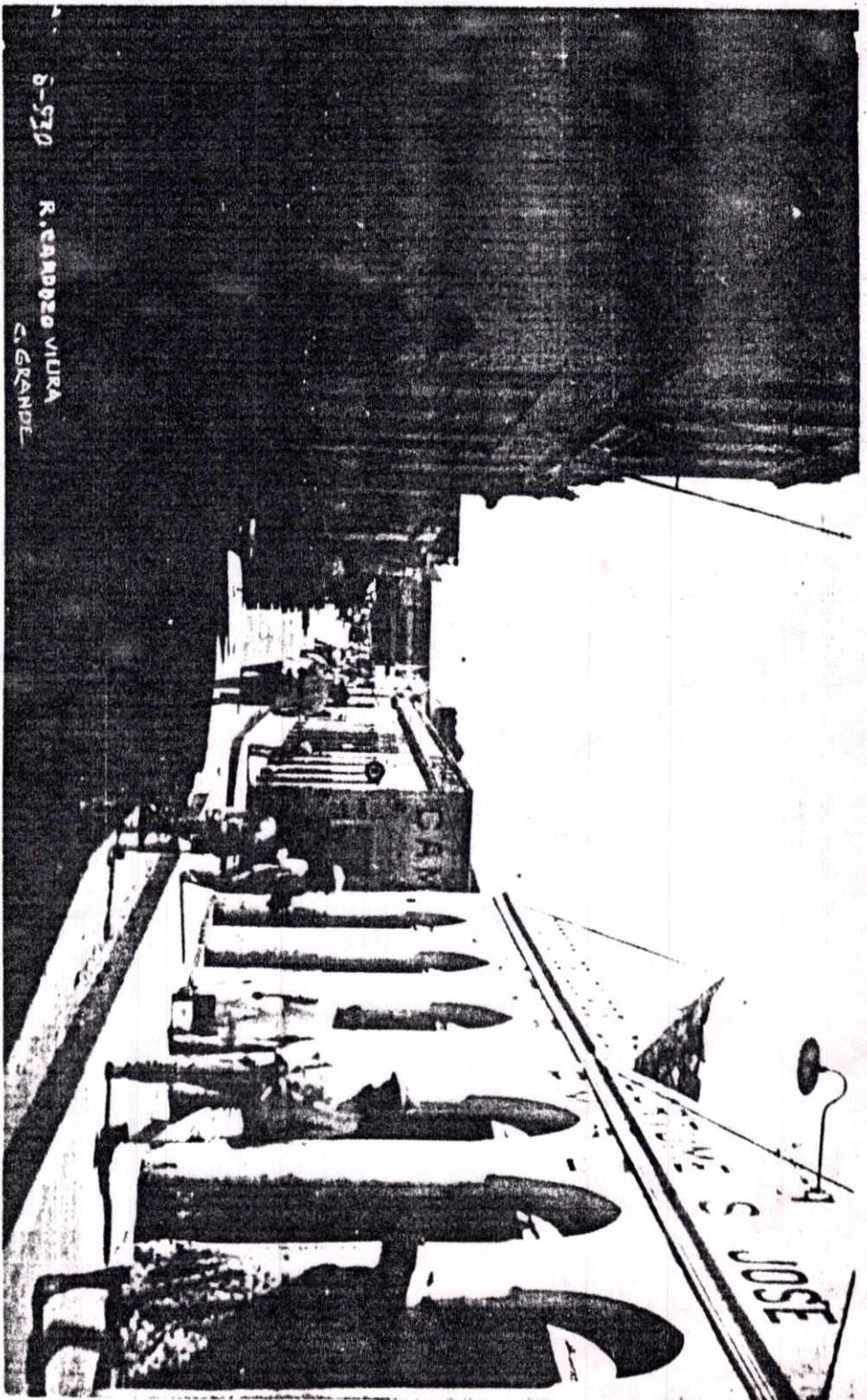
DEZEMBRO 1900

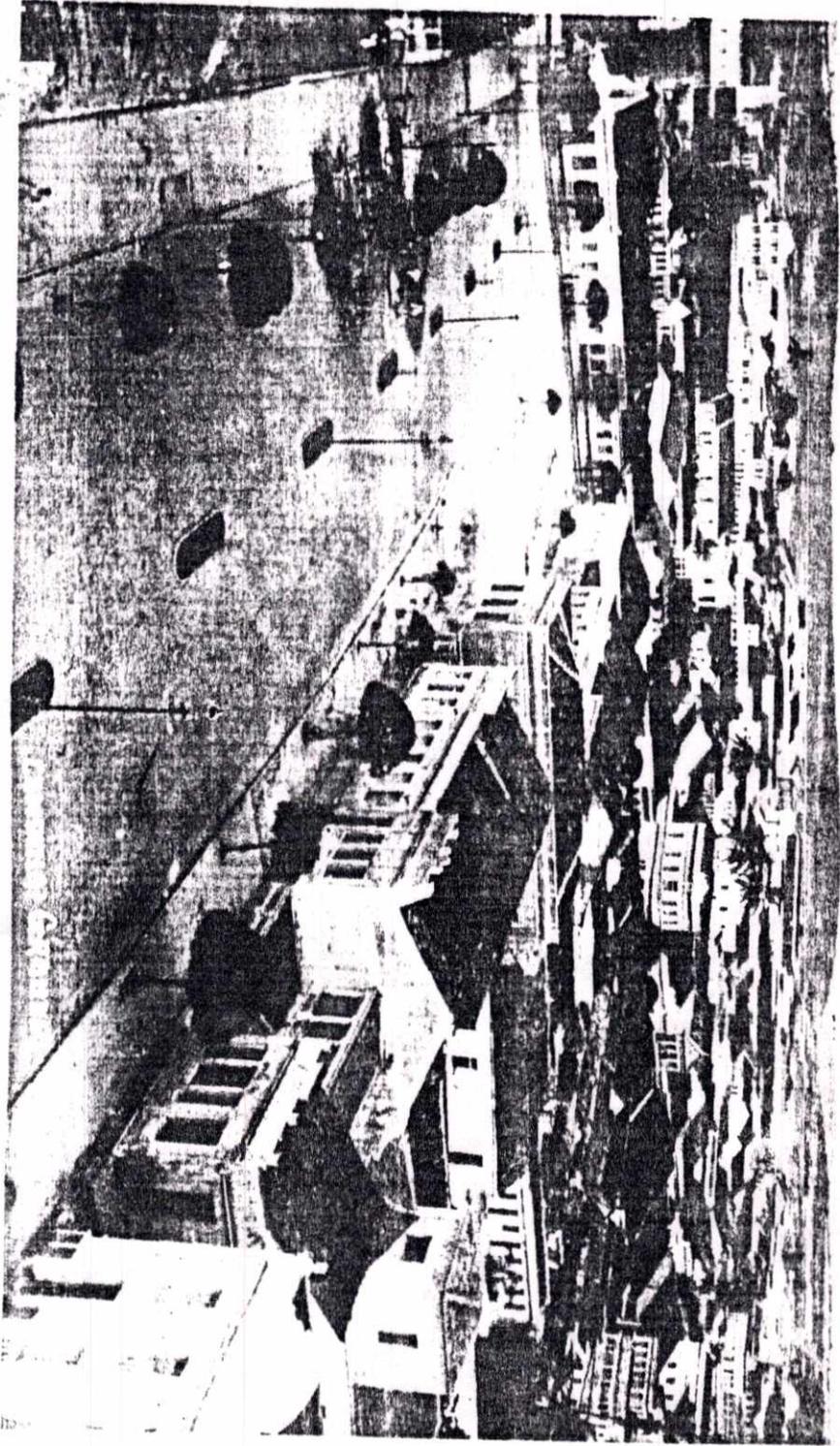


AGUDE VELHO

SAO CARLOS

Perthuis  
S. Josse





Campeche

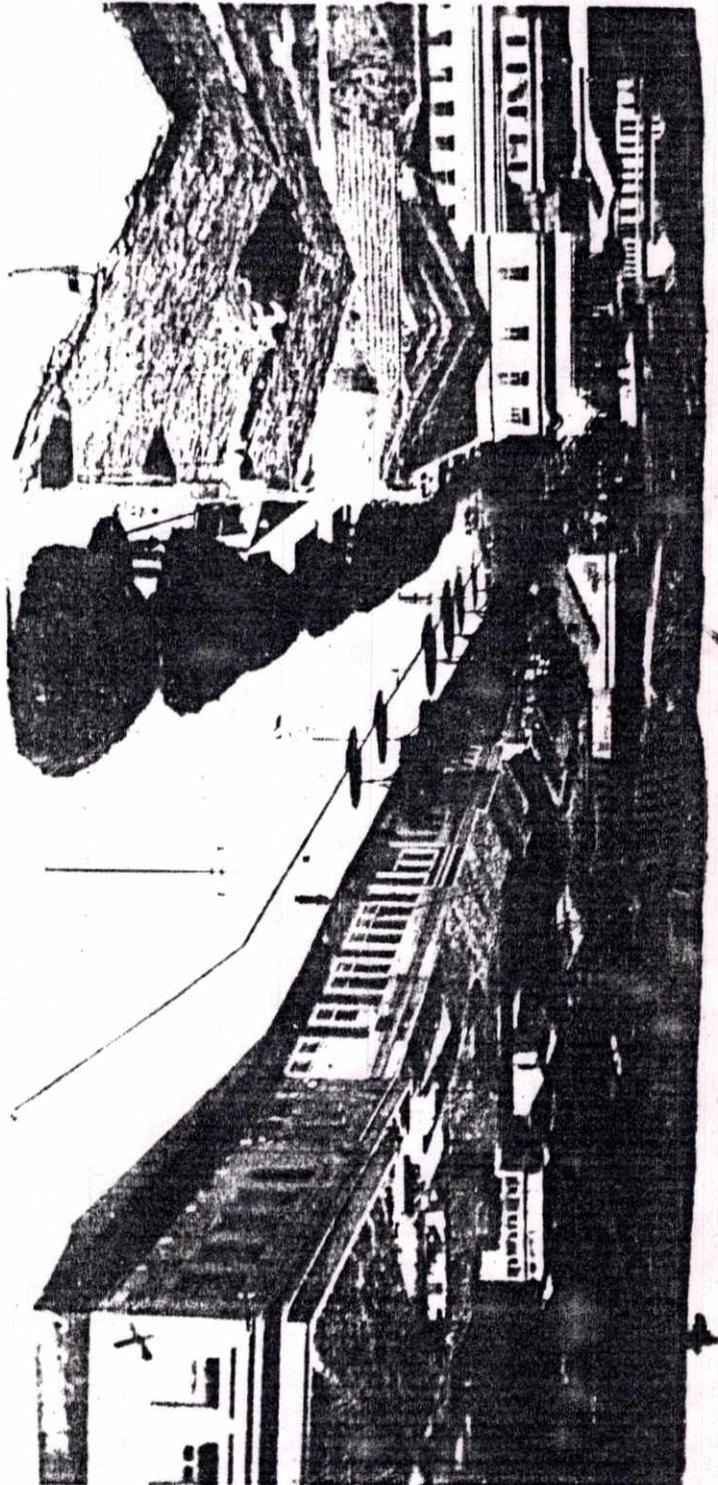
Francisco

Antigua

Carta número 1



JOSE



of Lima. I wish to see you for a while in Lima.  
Do not forget to see in direction of residence in  
the city of Lima. See also the city of Lima.  
See more here.

ade  
do  
ram  
mo,  
an-  
eus  
pi-  
nar  
co-  
mo  
fe-  
8"  
nos  
10

de Pedro I, por nenhum  
carrasco, mesmo sob a-  
meças, quizera enfor-  
çá-lo.

Que em frente à mes-  
ma Matriz existia um mo-  
numento ereto pelo povo  
de Campina comemorando  
a passagem do cemena-  
rio de nossa independen-  
cia.

Esse monumento foi  
arrazado pelas obras de  
embelezamento da cida-  
de, ao tempo do prefeito  
Antonio de Almeida, não  
sem o protesto da impren-  
sa local ciosa pela con-

sa ergue a figura varo-  
nil do Grande Paraibano.

\*\*\*

Que a atual penitencia-  
ria de Campina teve sua  
construção iniciada em  
1935 pelo prefeito Pereira  
Diniz, que a destinava a  
um matadouro, adaptan-  
do-se a penitenciaría na  
administração do bene-  
merito campinense dr.  
Argemiro de Figueiredo.

O atual matadouro, pre-  
dio moderno, e conforta-  
vel, ergue-se em Bodo-  
congó construído na atual  
gestão do prefeito Ver-  
gnaud.

os seguintes trechos:  
"Li, prazerosamente, a sua  
primeira comédia e a achei,  
em tudo, digna do autor de  
quelles contos que eram lidos  
nas inescqueciveis tertullias da  
Academia dos Simples.

Você, Epitacio, é um batu-  
tal! Escrever uma comédia,  
pela primeira vez, sem os  
senões naturais aos princi-  
pantes (monologos, entradas  
ou saídas erradas, etc.) é  
coisa que raramente se con-  
segue.

Dou-lhe, portanto, os meus  
parabens, devolvendo-lhe, pe-  
lo nosso presado Murilo, o  
original cuja leitura fiz aten-  
tamente.

Espero, em breve, ve-la  
Imprensa, para alegria de  
maior circulo de seus leito-  
res".

Indústria

S/A

PERNAMBUCO

444

E

.000.000,00

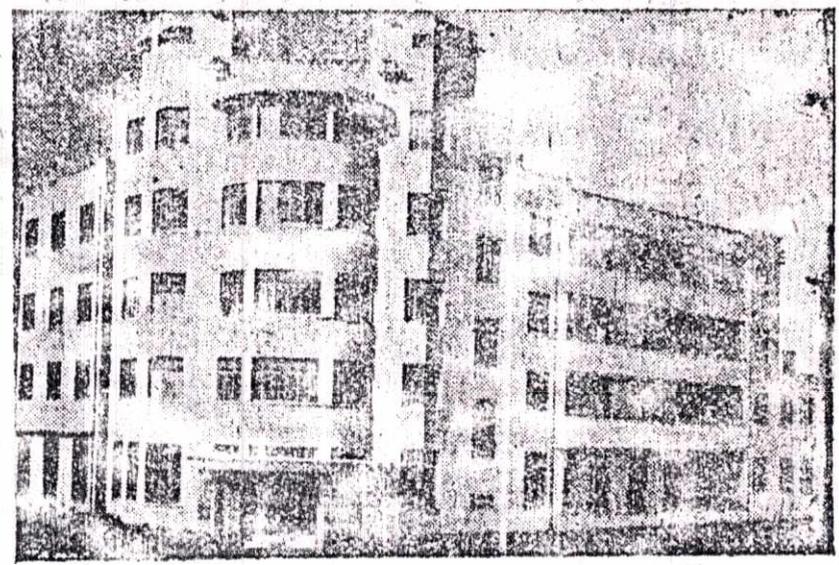
1.043.851,88

n geral

ças do Pais.

# GRANDE HOTEL

## CAMPINA GRANDE



O mais importante estabelecimento do  
Estado em seu genero.

Dispondo de apartamentos e quartos modernamento  
mobilados com instalações moderníssimas. Barbearia -  
Serviço de Manicurie e Bar.

Irrepreensível serviço de cozinha e corpo de garçons.